



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**

EDNA SOARES DE OLIVEIRA BARBOSA

**VARIANTES LEXICAIS PARA *TAGARELA* E *BURRO* NA BAHIA,
COM BASE NOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Salvador

2017

EDNA SOARES DE OLIVEIRA BARBOSA

**VARIANTES LEXICAIS PARA *TAGARELA* E *BURRO* NA BAHIA,
COM BASE NOS DADOS DO PROJETO ALIB**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Letras, sob a orientação da professora Dr^a Silvana Soares Costa Ribeiro e coorientação da professora Dr^a Marcela Moura Torres Paim.

Salvador

2017

EDNA SOARES DE OLIVEIRA BARBOSA

**VARIANTES LEXICAIS PARA *TAGARELA* E *BURRO* NA BAHIA,
COM BASE NOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Letras, sob a orientação da professora Dr^a Silvana Soares Costa Ribeiro e coorientação da professora Dr^a Marcela Moura Torres Paim.

Aprovada em 01 de setembro de /2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim (coorientadora)
Universidade Federal da Bahia

Profa. Ma. Sandra Cerqueira Pereira Prudencio
Universidade Federal da Bahia

Profa. Ma. Ana Regina Torres Ferreira Teles
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Maria, pelo constante incentivo para estudar e aprender sempre mais.

Agradeço imensamente às minha amigas, companheiras, especialmente Eliana e Tailane, incansáveis incentivadoras que não me deixaram desistir de chegar ao final.

Ao meu fiel companheiro, Joselito, por sempre ter uma palavra de apoio e compreensão.

À minha orientadora, professora Dr^a Silvana Soares Costa Ribeiro, primeiramente por ter aceitado orientar-me nesta pesquisa e por toda dedicação e paciência.

A minha coorientadora, professora Dr^a Marcela Moura Torres Paim, pela contribuição ao meu trabalho.

Ao Projeto ALiB, pela disponibilização dos dados para esta pesquisa, sem os quais não seria possível desenvolvê-la.

Todas as noções de “certo” e “errado” que circulam na sociedade são invenções humanas, demasiadamente humanas, como diria o filósofo –Nietzsche –e, muitas vezes, invenções demasiadamente **desumanas**.

BAGNO, Marcos

RESUMO

OLIVEIRA, Edna Soares de Barbosa. **Variantes lexicais para *tagarela* e *burro* na Bahia, com base nos dados do Projeto ALiB.** (Monografia) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

O presente trabalho apresenta os resultados da investigação acerca das variantes lexicais fornecidas como respostas às perguntas 136 “(como se chamaa pessoa que fala demais?)” e 137 “(como se chamaa pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?)” do Questionário Semântico-Lexical (QSL) elaborado pelo comitê nacional do Projeto ALiB na Bahia. A pesquisa buscou suporte teórico na Dialectologia e metodológico na Geolinguística, método de análise adotado pelo Projeto ALiB. O desenvolvimento do trabalho partiu da leitura de textos de pesquisadores das áreas de Dialectologia e Sociolinguística, tais como Ferreira e Cardoso (1994), Cardoso (2002) e Tarallo (1986) seguido da composição do *corpus* realizada a partir dos dados fornecidos pelo Projeto ALiB. Para este trabalho, foram consideradas as 22 localidades que fazem parte da rede de pontos do ALiB na Bahia, compondo um total de 92 inquéritos. Os resultados das análises são apresentados por meio de gráficos e cartas linguísticas que registram a variação diatópica na Bahia no que tange às denominações possíveis para responder às questões com as quais trabalhamos neste estudo.

Palavras-chave: Variação linguística; Dialectologia; Léxico.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
INF	Informante
INQ	Inquiridor
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
BA	Bahia
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico-Lexical
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFP	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE CARTAS

Carta 01 – Rede de pontos do Projeto ALiB - Bahia

Carta 02 – QSL 136 Conversador 1

Carta 03 – QSL 132 Conversador 2

Carta 04 – QSL 137 Burro

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –Respostas documentadas para a questão 136/QSL Bahia

Gráfico 2–Conversador – percentual de localidades onde ocorre cada forma lexical documentada na Bahia

Gráfico 3 –Respostas documentadas para a questão 137/QSL - Bahia

Gráfico4– Burro – percentual de localidades onde ocorre cada forma lexical documentada na Bahia

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Localidades

Quadro 02 – Formulação das perguntas QSL 136 e 137 – Convívio e comportamento social

Quadro 03 – Formas lexicais documentadas para a questão 136/QSL – agrupamentos

Quadro 04 - Formas lexicais documentadas para a questão 136/QSL – dicionários

Quadro 05 – Formas lexicais documentadas para a questão 137/QSL – agrupamentos

Quadro 06 – Formas lexicais documentadas para a questão 137/QSL – dicionários

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 CONCEITOS DE LÍNGUA/DIALETO/FALAR.....	14
2.2 DIALETOLOGIA.....	18
2.3 LÉXICO.....	22
2.4 A DIVISÃO DIALETAL PROPOSTA POR NASCENTES (1953).....	23
3 METODOLOGIA	25
3.1 O PROJETO ALiB.....	26
3.2 <i>CORPUS</i> /AMOSTRA.....	28
3.2.1 Informantes.....	28
3.2.2 Questionário Semântico-Lexical – QSL	29
3.3.3 Localidades.....	31
3.3.4 Passo a passo da pesquisa: audição, recorte, pesquisa em dicionários, análise estatística, cartografia.....	33
4 ANÁLISE DOS DADOS	35
4.1 QUESTÃO 136 – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL).....	35
4.2 QUESTÃO 137 - QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL).....	41
4.3 PRESENÇA/AUSÊNCIA DAS LEXIAS NOS DICIONÁRIOS- QSL 136.....	46
4.4 PRESENÇA/AUSÊNCIA DAS LEXIAS NOS DICIONÁRIOS- QSL 137.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

O estudo da variação lexical possui grande relevância dentro dos estudos dialetais, tendo despertado o interesse de diversos pesquisadores do campo da Dialetologia, ciência que permite que sejam estabelecidas fronteiras geográficas dos usos linguísticos, possibilitando a descrição das diferentes formas de falar quando se leva em conta o espaço geográfico de origem do falante. Vale ressaltar que os estudos dialetais buscam analisar a língua em uso, considerando as diferentes variáveis linguísticas que interferem no modo de falar dos sujeitos, mas, sobretudo a que diz respeito ao aspecto espacial.

Sabemos que as línguas variam em diversos aspectos, tais como região geográfica, contexto comunicativo, faixa etária, nível socioeconômico e/ou de escolaridade do falante. O léxico de uma língua está sujeito a constantes alterações em função do processo de mudança linguística, tanto na modalidade oral quanto escrita. Assim, o léxico é frequentemente ampliado, através de processos como o neologismo ou os empréstimos linguísticos.

A variação que ocorre dentro de uma mesma língua, em geral, não provoca dificuldade de compreensão por parte do interlocutor. No Brasil, o português falado na capital de São Paulo difere do que é falado, por exemplo, na capital da Bahia, Salvador. Porém, embora haja diferenças que envolvem aspectos fonético/fonológico, lexical, sintático e morfológico, a comunicação/interação entre falantes nativos do português no Brasil acontece de maneira satisfatória.

É importante salientar que a variação de que estamos falando leva em conta a língua em uso, e não a tão idealizada norma-padrão, já que esta é, na verdade, uma abstração, ou seja, corresponde a um modelo de língua idealizado.

Um estudo que busca registrar a diversidade lexical existente no território brasileiro mostra-se bastante relevante na área dos estudos dialetais, já que poderá fornecer dados para uma melhor compreensão do fenômeno da variação dialetal em nosso território, estando de acordo com o objetivo maior do Projeto ALiB, que é o de mapear a variação linguística existente em todo o território brasileiro.

Além disso, tal estudo vem contribuir para a reflexão acerca da necessidade de se valorizar e respeitar os diferentes modos de falar nas diversas regiões do Brasil. Sabemos que, no Brasil, lamentavelmente, o preconceito linguístico que afeta os falantes de certas regiões ainda se faz presente. Embora não haja base científica que comprove a superioridade de uma variedade linguística em relação à outra, em nossa sociedade ainda está arraigada uma suposta supremacia dos falares das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

O modo como a variação dialetal é abordada no contexto de ensino do português no Brasil carece ser repensado com vistas a adoção de uma metodologia que ressalte a heterogeneidade do nosso idioma a partir de uma perspectiva de valorização dos diferentes falares, levando em conta os sujeitos que fazem uso dessas variedades.

O presente estudo poderá, portanto, contribuir para a descrição do português brasileiro, podendo servir como fonte de coleta de dados para futuros estudos acerca da realidade linguística das localidades aqui analisadas, além de motivar a reflexão por parte de professores da educação básica quanto à necessidade de se abordar a variação dialetal em sala de aula sob o enfoque da língua em uso, a qual varia de uma região para outra, o que não justifica que se estabeleçam juízos de valor tampouco as noções de “certo” e “errado” tão propagadas pela Gramática tradicional.

Assim, estabelecemos como objetivo geral deste estudo descrever a variação lexical no que diz respeito às questões 136 e 137 da área semântica *Convívio e comportamento social* do QSL (Questionário Semântico-Lexical) na Bahia. Para alcançar tal objetivo principal, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- a) registrar as diferentes maneiras de se referir à “...pessoa que fala demais...” e à “... pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas...” na Bahia;
- b) analisar as implicações nos usos de certas lexias em detrimentos de outras, considerando a hipótese do “tabu linguístico”;
- c) aprofundar a pesquisa que já vem sendo desenvolvida pelo Projeto ALiB, o qual pretende mapear a realidade linguística brasileira;
- d) examinar a relação entre a variação lexical e o espaço geográfico onde reside o falante.

A pesquisa está estruturada em cinco capítulos, a saber: introdução, fundamentação teórica, metodologia, análise de dados e considerações finais, respectivamente. Na introdução, apresentamos a justificativa para o desenvolvimento da pesquisa, além das possíveis contribuições do trabalho e os objetivos gerais e específicos. O segundo capítulo apresenta a fundamentação teórica, sendo, portanto, apresentados os pressupostos e as reflexões de diversos estudiosos da área de pesquisa na qual se insere este estudo. No terceiro capítulo apresentamos a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, ou seja, descrevemos detalhadamente todo o percurso realizado, incluindo explicações concernentes às opções que foram feitas no momento de análise dos dados coletados. Além disso, neste capítulo, apresentamos dados sobre o método analítico adotado pelo Projeto ALiB, a Geolinguística, o qual utilizamos como ponto de partida para as análises aqui realizadas.

O quarto capítulo apresenta a análise sistemática dos dados obtidos a partir das respostas para às questões 136 e 137 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), obtidas a partir dos inquéritos realizados pelo Projeto ALiB. Fizemos a consulta aos dicionários Aulete (online), Aurélio (2004) e Houaiss (2009). Também fizemos a consulta ao Dicionário de Expressões Populares Brasileiras [FRANCO, 19-?], o Novo dicionário da Gíria Brasileira (VIOTTI, 1956) e Dicionário de usos do português do Brasil (BORBA) a fim de verificar a dicionarização do fraseologismo “tomou água de chocalho”, obtido como resposta para a questão 137 na localidade 85 (Irecê).

Finalmente, no quinto capítulo, tecemos considerações que dizem respeito aos objetivos propostos para a pesquisa e os resultados alcançados, ressaltando que, dado ao nível de aprofundamento do trabalho, não é possível estabelecer certas generalizações, mas sim indícios que poderão servir de ponto de partida para futuras investigações acadêmicas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente estudo fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Dialetologia e

tem como objetivo descrever a diversidade linguística referente ao léxico da área semântica *Convívio e comportamento social*, conforme subdivisão do Questionário Semântico-Lexical-QSL (2001), desenvolvido pelo Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), sendo analisadas as respostas para as questões 136 (como se chama a pessoa que fala demais...) e 137 (como se chama a pessoa que tem dificuldades de aprender as coisas...) obtidas através de inquéritos realizados nas 22 localidades que compõem a rede de pontos do estado da Bahia.

A fim de promover uma contextualização acerca das questões que serão tratadas neste estudo, apresentaremos, neste capítulo, uma revisão de alguns conceitos básicos, a saber: *língua, dialeto, falar*, seguida dos conceitos de *Dialetologia*, bem como sua distinção em relação à *Sociolinguística* e seu percurso histórico no Brasil. Além disso, dedicaremos algumas linhas deste capítulo para apresentar os conceitos de *Léxico, Lexicografia, Lexicologia e Terminologia*.

2.1 CONCEITOS DE LÍNGUA/DIALETO/FALAR

A partir do início do século XX, as pesquisas de Saussure contribuíram para que os estudos sobre a linguagem se constituíssem como ciência, tendo a língua como objeto de estudo. Além disso, foram estabelecidos métodos de análise da Linguística que propõem explicações acerca da organização estrutural da língua.

Anteriormente às ideias saussurianas, pensava-se no conceito de linguagem baseado na tradição greco-romana, concebendo-a como reflexo do pensamento humano. Dessa forma, os estudos sobre a linguagem deveriam realizar-se de modo generalizado, já que, segundo tal concepção, os métodos analíticos propostos poderiam ser “aplicados” a qualquer língua.

A partir do referido período, o conceito de língua vem sendo discutido entre os estudiosos a partir de diferentes perspectivas. As definições baseiam-se nas perspectivas adotadas pelos teóricos, revelando diferentes focos de pesquisa.

Nas perspectivas teóricas fundamentadas no Estruturalismo, a língua é entendida como um sistema abstrato e não se considera, portanto, as mais diversas situações de uso nas quais ela está inserida. Destaca-se, aqui, o caráter contraditório

de tais ideias. Apesar de reconhecerem a língua como um fenômeno social, sua relação com a sociedade não está prevista nos métodos de análise propostos por essa corrente de pensamento. A análise linguística pautada no Estruturalismo considera que ela deve ser estudada em si mesma, através de sua estrutura e organização, não sendo estabelecida nenhuma relação com seu uso em sociedade. Assim, o estudo da língua restringe-se aos fatores intralinguísticos, desconsiderando, assim, os fatores extralinguísticos que interferem no processo comunicativo.

Entretanto, ainda no século XX, começa a surgir, de forma bastante embrionária, outra concepção de língua subjacente às tendências sociointeracionistas de estudo sobre a linguagem. A língua começa então a ser concebida como lugar de interação, capaz de situar o sujeito na sociedade, na história e na cultura. Surge a partir daí a chamada visão interacionista da linguagem, na qual está fundamentada esta pesquisa. Segundo Antunes (2014, p. 18), o termo “interação social” chega a ser, em certa medida, redundante, já que toda ação linguística ocorre de forma conjunta, estabelecendo uma relação entre quem fala e quem ouve. A autora argumenta que toda ação de linguagem pressupõe a presença do outro, o interlocutor (idem p.18).

As discussões acerca do conceito de língua que foram pensadas ao longo da história podem ser resumidas em três concepções: a língua como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como espaço de interação.

Bago (2007) defende que a língua é “[...] uma realidade intrinsecamente heterogênea, variável, mutante, em estreito vínculo com a dinâmica social e com os usos que dela fazem os seus falantes” (p. 73). Ainda segundo o autor, “A heterogeneidade linguística está ligada à heterogeneidade social”. (p. 57). Ou seja, a variação linguística é motivada também por fatores sociais, externos à língua. É preciso, portanto, considerar a língua em uso na sociedade e não a língua “encaixotada”, tão fortemente defendida pela Gramática tradicional como sendo a única que tem valor e da qual todos devem fazer uso. Com base na reflexão acerca de tais pressupostos teóricos, rejeitamos a noção de língua enquanto reflexo do pensamento humano, bem com a de língua enquanto instrumento de interação, optando pela perspectiva que concebe a língua enquanto forma de interação, uma

ação concreta de linguagem situada na sociedade. Em suma, a língua aqui será concebida como um fenômeno social e dinâmico, sempre coletiva e, portanto, heterogênea, instável, passível de mudança e de reconstrução. Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 11),

Uma língua é um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo. Fala-se, portanto, de uma língua histórica portuguesa, espanhola, francesa, etc., ou seja, existe em cada uma delas uma estrutura fônica, gramatical e lexical definida e distinta das demais.

No que tange à língua portuguesa falada no Brasil, há, porém, o que Bagno (2009) chama de “Mito nº 1” que considera que “O português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente” (p. 26). De fato, esse é um enorme equívoco, pois não somente a língua portuguesa, mas todas as demais línguas existentes no mundo são heterogêneas.

Esse caráter intrinsecamente heterogêneo das línguas deve-se às situações de contatos estabelecidos entre diferentes povos, além de fatores como sexo, classe social ou faixa etária, variáveis que interferem na forma como se expressa uma dada comunidade linguística. Segundo Basso e Ilari (2012, p. 138),

Muitas palavras do português brasileiro que têm sua origem em línguas estrangeiras chegaram ao Brasil através do português europeu. Não poderia ter sido de outro modo, porque durante todo o período colonial, os contatos do Brasil passavam obrigatoriamente por Portugal. Entrementes, na situação de multilinguismo que caracterizou o Brasil-Colônia, o português teve uma convivência estreita com as línguas indígenas e africanas, e seu vocabulário enriqueceu-se enormemente nesse contato.

Ressaltamos aqui a distinção entre dois conceitos que podem, aparentemente, ser entendidos como sinônimos: multilinguismo e heterogeneidade linguística. Podemos afirmar que o Brasil não é um país monolíngue, pois aqui são faladas mais de 200 línguas distintas. Ou seja, embora haja uma predominância no uso da língua

portuguesa, ela não é a única língua falada no Brasil. O Brasil é, portanto, considerado um país multilíngue.

Já o segundo conceito, o de heterogeneidade linguística, diz respeito à ideia de que nenhuma língua é falada exatamente da mesma forma por todos os membros de uma comunidade com a qual está relacionada. A suposição de que possa existir uma homogeneidade linguística não se sustenta quando se analisa empiricamente dados de usos da língua em situações reais de comunicação.

Ao abordarmos o conceito de heterogeneidade linguística, faz-se necessária a abordagem dos conceitos de *dialeto* e *falar*. Frequentemente o conceito de *dialeto* tem sido confundido com o de *língua* e isso ocorre devido à complexidade dessa temática, uma vez que os critérios utilizados para se estabelecer tais definições podem ser diversos e, apesar dos avanços nos estudos linguísticos, ainda não há consenso quando se trata dessa distinção.

Para o senso comum, a noção de dialeto constitui-se como o que se costuma se chamar de *sotaque*. Quando entramos em contato com pessoas nascidas em outras regiões do Brasil, por exemplo, é comum ouvirmos afirmações do tipo “Você tem um sotaque diferente!”. Isso nos leva a afirmar que até mesmo o falante não especializado em Linguística é capaz de perceber que a língua não é homogênea, que há diferenças entre modo de falar de pessoas nascidas em certa região em comparação com outras.

Lembramos, assim, o fato de que a diferença quanto aos “sotaques” só é percebida no confronto, na comparação entre falantes de diferentes espaços geográficos. Assim, cada falante, analisando individualmente a própria fala, não se dá conta de que há em seu modo de falar traços característicos que englobam ou particularizam um grupo de sujeitos oriundos de determinada região.

Segundo Ribeiro (2012, p. 42), pode-se chamar de dialeto um subsistema identificado através da comparação dos usos linguísticos de falantes oriundos de diferentes espaços geográficos. Ou seja, a língua é um sistema, enquanto o dialeto seria um subsistema de uma língua. Segundo Câmara Jr. (1986).

Do ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece, por sua

vez, uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em subdialetos, quando há divergência apreciável de traços lingüísticos secundários entre zonas desse território.

A partir da definição de Câmara Jr., podemos considerar, portanto, que um dialeto é uma variedade de uma mesma língua. Ainda segundo Câmara Jr, os dialetos são conjuntos de falar que compartilham certos traços fundamentais.

Nessa distinção entre *falar* e *dialeto*, há quem opte pelo termo *falar* por considerar que o termo *dialeto* carrega em si certo grau de pejoratividade, sendo utilizado para se referir a “línguas primitivas”, de menor valor sociocultural.

Tal como Ribeiro (2012), neste estudo, consideramos *dialeto* como uma variante de uma mesma língua “Na atualidade, já não mais se considera dialeto como ‘língua estropiada’, ‘língua de pouco prestígio’. Dialeto é visto como, de fato uma variedade de língua.” (RIBEIRO, 2012, p. 46).

2.2 DIALETOLOGIA

A Dialectologia surge nos finais do século XIX com o interesse pelo estudo dos falares regionais. Conforme Cardoso (2010, p. 15), “A dialectologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Tal ciência originalmente focaliza a análise da variação diatópica. Porém, posteriormente amplia sua perspectiva de estudo, abrindo espaço para os aspectos sociais, como faixa etária, nível de escolaridade e/ou socioeconômico.

Existe entre a Dialectologia e a Sociolinguística um ponto de convergência: ambas as ciências se preocupam com o estudo da língua em uso. Consideram, portanto, a perspectiva da heterogeneidade linguística, que se manifesta no uso real da língua.

Segundo Ribeiro (2012, p. 50), “A Sociolinguística pode ser definida como o estudo dos fenômenos linguísticos que têm relação ou correlação com os fatores

sociais”. Todavia, uma análise mais apurada acerca do objeto de estudo de cada ciência permite-nos perceber que há distinções relevantes a serem consideradas. Conforme Cardoso (2010, p. 26),

A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, desta forma, as relações sociolinguísticas.

Portanto, apesar de os dois campos de estudo considerarem os fatores sociais no tratamento dos dados, diferenciam-se pelo seu foco de análise. A Dialetologia está centrada no fator diatópico; já a Sociolinguística focaliza a relação entre fatos linguísticos e fatores sociais.

No Brasil, o percurso histórico dos estudos dialetais costuma ser dividido em quatro fases. Segundo Ribeiro (2010, p. 55), “No Brasil, os estudos dialetais têm seu início com a descrição do português brasileiro em confronto com o português europeu, feita pelo Visconde de Pedra Branca, em 1826, como consta da *Introduction do Atlas ethnographique du globe* de Adrien Balbi.” A primeira fase data de 1826 a 1920, conforme Ferreira e Cardoso (1994, p. 37), e teve como marco final a publicação da obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, a qual se constitui como início da segunda fase. A primeira e a segunda fase foram definidas por Antenor Nascentes.

A primeira fase caracteriza-se pela vasta produção de estudos que tinham como foco de análise o léxico do português brasileiro. Nesse período, houve larga publicação de dicionários, vocabulários e léxicos regionais, como apontam Ferreira e Cardoso (1994, p. 37). Nesse período, no Brasil, já se revelava o interesse pelos estudos lexicográficos, bem como pelos registros da variação diatópica.

O período de 1920 a 1952 constitui-se como a segunda fase e é caracterizada pelo predomínio da produção de trabalhos monográficos, mantendo também o

grande volume de publicações voltadas para a lexicografia, tal como na fase anterior. Nessa fase, mais especificamente em 1922, foi publicada a primeira edição da importante obra de Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca em 1922*. Também foi publicada em 1934 a obra *A Língua do Nordeste*, de Mário Marroquim, conforme Ribeiro (2012, p. 57). As produções da época que se enquadram como segunda fase dos estudos dialetais no Brasil, além da abordagem do léxico, preocuparam-se com a abordagem os demais níveis de análise linguística: a morfologia, a sintaxe, a fonética e a semântica.

Ainda sobre a segunda fase da Dialetologia no Brasil, Ribeiro (2012) afirma que sua importância está na demarcação de áreas dialetais brasileiras, além da publicação das obras de Nascentes, Amaral entre outros. A autora ressalta que nas duas primeiras fases dos estudos dialetológicos no Brasil, as pesquisas adotavam a análise monodimensional, ou seja, controlavam apenas a variação geográfica.

A terceira fase inicia-se em 1952, ano em que é publicado o Decreto do governo brasileiro de nº 30.643, o qual determina que seja elaborado um atlas linguístico do Brasil. Definida pelas pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a terceira fase é caracterizada, conforme Ribeiro (2012, p. 59), “[...] pela produção e publicação de trabalhos baseados em *corpora* constituídos de forma sistemática”. Nesse período, inicia-se a preocupação com a implantação dos estudos geolinguísticos no Brasil. Nelson Rossi, da Universidade Federal da Bahia, foi o pioneiro na pesquisa na área de Geolinguística no Brasil, tendo coordenado a publicação do *Atlas prévio dos Falares Baianos- APFB*, em 1963. Além de Rossi, Antenor Nascentes, Celso Cunha e Serafim da Silva Neto também demonstraram interesse pela pesquisa geolinguística durante a terceira fase dos estudos dialetológicos brasileiros.

Ainda durante a terceira fase, foi publicada a obra de Nascentes, *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, a qual teve seu segundo volume publicado em 1961 e o primeiro em 1958. O surgimento da Geolinguística no Brasil, portanto, se deu durante a terceira fase da Dialetologia.

A quarta fase inicia-se em 1996 e perdura até os dias de hoje, tendo como marco inicial o surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), sendo instituída por Jacyra Andrade Mota e Suzana Alice Marcelino Cardoso,

pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A quarta fase, segundo Ribeiro (2012), é “Caracterizada pela implementação de linhas de pesquisa em Geolinguística em várias universidades brasileiras, apresenta-se também como a fase em que se amplia o número de atlas linguísticos publicados ou em elaboração e pela incorporação de novas dimensões ao trabalho e à pesquisa dialetológica” (p. 60-61).

A quarta fase foi o momento em que o enfoque no estudo diatópico foi ampliado, passando a se considerar os aspectos sociais na análise linguística. Do ponto de vista metodológico, portanto, considera-se que foi nesse momento que surgiu a Geolinguística pluridimensional contemporânea, a qual difere da Geolinguística monodimensional, que tinha como escopo de análise apenas o aspecto geográfico, espacial.

A Geolinguística contemporânea, portanto, não mais se restringe à análise da variação espacial, mas leva em conta os fatores sociais que interferem no modo como uma comunidade linguística se comunica. Este se constitui como o método de análise utilizado pela Dialetologia, ou seja, é o método pelo qual se promove a cartografia linguística. Através da Geolinguística, também conhecida como Geografia linguística, pode-se fazer o mapeamento linguístico, a fim de registrar espacialmente determinada realidade no que tange ao uso da língua. Por cartografia linguística entende-se a representação, em mapa dos resultados de análises linguísticas, que tem como resultado a carta temática.

A Geolinguística pode ser classificada como mono ou pluridimensional. A monodimensional considera somente o aspecto espacial, geográfico e teve seu auge com a publicação dos atlas linguísticos nacionais. Nessas obras, portanto, é possível encontrar a cartografia de uma realizada linguística a qual está atrelada a apenas uma variável possível. A Geolinguística pluridimensional, entretanto, permite a abordagem de relações entre os fatos linguísticos e os sociais. Ou seja, é possível a análise da variação espacial levando em conta as variações que se manifestam em função de aspectos extralinguísticos, como a variação diageracional ou a variação diastrática.

Para o conhecimento da realidade linguística brasileira, é de grande relevância a documentação dos fatos considerando os diferentes espaços

geográficos, mas é preciso considerar também a importância do intercruzamento com os aspectos sociais, os quais contribuem para a manifestação da variação linguística. Embora tenhamos em conta a importância da Geolinguística pluridimensional para os estudos dialetológicos, ressaltamos que, neste estudo, dada a sua natureza, restringimo-nos apenas na análise monodimensional, considerando, portanto, somente o aspecto geográfico na análise dos dados linguísticos.

2.3 LÉXICO

O léxico de uma língua constitui-se de um macro conjunto de palavras utilizadas por seus falantes. Segundo Castilho (2014, p. 110), “[...] o léxico é definido como um conjunto de categorias cognitivas de traços derivados que são representados nas palavras por meio da lexicalização”. A lexicalização, ainda segundo o autor, refere-se ao “[...] processo de criação de palavras coordenada pelo dispositivo sociocognitivo” (p.113).

O léxico de uma língua em uso está em constante processo de ampliação. Os avanços tecnológicos, por exemplo, são motivadores dessa ampliação, pois, à medida que novas tecnologias são desenvolvidas, novas palavras vão sendo incorporadas ao léxico da língua, a fim de atribuir nomes aos produtos resultantes dessas inovações. Isso ocorre dada a necessidade que temos de nomear as coisas que estão no mundo.

Segundo Basso e Ilari(2012, p. 134), “O português do Brasil tem um léxico de uso corrente de cerca de sessenta mil palavras”. Ainda segundo os autores, esse número corresponde à utilização do léxico por parte do conjunto de falantes do português brasileiro. Para que se possa constatar a variação linguística existente em determinada comunidade, o nível lexical apresenta enorme produtividade e relevância. Na realidade brasileira, por exemplo, as formas lexicais utilizadas para denominar o “... brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha” (QSL158) permite identificar a diversidade do português brasileiro, pois pesquisas dialetológicas já demonstraram que para o mesmo item são encontradas variedades como pipa, papagaio, arraia entre outros.

Tarallo (1986, p. 08.) afirma que: “‘Variantes linguísticas’ são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”.

Uma das razões que justificam a diversidade na formação do léxico no Brasil diz respeito à situação de contato entre povos falantes de diferentes línguas convivendo em um mesmo espaço durante o período colonial. A língua portuguesa entrou em contato com diferentes línguas africanas, além de línguas faladas pelos povos indígenas que habitavam a região na época.

Sobre a formação do léxico da língua portuguesa do Brasil, Basso ellari e (2012, p. 145) afirmam que:

Seria um grande erro subestimar a importância histórica do empréstimo e da formação erudita como fatores de formação do léxico da língua, mas uma parte considerável do léxico do português brasileiro (provavelmente a maior) foi criada a partir da língua falada todos os dias, à medida que os falantes iam formando combinações novas de materiais lexicais previamente existentes, dos quais tinham um conhecimento vernáculo.

O processo de criação lexicalização, segundo Castilho (2014, p. 113), ocorre percorrendo um dos três caminhos: por etimologia, por neologia ou por empréstimo. A lexicalização por etimologia ocorre quando o processo de criação lexical ocorre baseando-se na língua-fonte. Quando o processo acontece dentro da própria língua-alvo, diz-se que houve a lexicalização por neologia. Já o processo de lexicalização, que se dá por meio do contato entre diferentes línguas, dá-se o nome de empréstimo.

O termo “empréstimo linguístico” refere-se à incorporação de itens lexicais de outras línguas ao léxico vernáculo. Já a formação erudita refere-se à criação de palavras utilizando diretamente formas lexicais oriundas das línguas clássicas.

As chamadas ciências do léxico são tradicionalmente conhecidas como Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Por Lexicologia entende-se o ramo de estudos linguísticos que tem como objeto de estudo o léxico de uma língua. A lexicografia preocupa-se com a catalogação das definições dos elementos que compõem os dicionários, os verbetes. Já a terminologia tem como foco de interesse a definição de

termos específicos de determinado campo de conhecimento, com vista à construção de vocabulários especializados.

Ressaltamos que esta pesquisa relaciona-se com a lexicologia, pois tem como objetivo principal a descrição e análise dos itens lexicais utilizados para designar a pessoa que fala demais e a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas.

2.4 A DIVISÃO DIALETAL PROPOSTA POR NASCENTES (1953)

A proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953) tem enorme relevância para os estudos dialetológicos no Brasil, sendo considerada uma referência para os diversos estudos contemporâneos na área da Dialectologia, os quais têm como objetivo descrever a variação dialetal no Brasil, conforme afirma Ribeiro (2012, p. 35).

Ribeiro (2012, p. 79) afirma que:

Um dos problemas a serem solucionados pela Dialectologia brasileira, hoje, é o de que passadas mais de seis décadas da delimitação dos falares regionais do Brasil, por Nascentes (1953), os pesquisadores brasileiros, embora empenhados e incansáveis, ainda não conseguiram, com base em dados coletados *in loco*, atestar a atualidade da divisão dialetal proposta pelo autor ou traçar novo perfil para as áreas dialetais do Brasil.

Trabalhos de pesquisa empírica, utilizando os dados do Projeto ALiB, como Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015) e Santos (2016), buscam atestar a vitalidade da proposta de Nascentes (1953) e a pertinência dos limites dialetais por ele estabelecidos na atualidade.

A proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953) considera a existência de subfalares, os quais estão inseridos em dois grupos: os falares do Norte (inclui o falar amazônico e o nordestino) e os falares do Sul (inclui o falar baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista). Há, porém, uma área por ele intitulada “território incharacterístico”. A área selecionada para este estudo está situada dentro do que

Nascentes (1953) chamou de *Falar baiano*.

Em *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil* volume II, publicado em 1961, Nascentes expõe sua preocupação quanto à construção de um atlas linguístico de cunho nacional. Devido à extensão territorial do Brasil, o dialetólogo propõe que se comece pelos atlas regionais, os quais seriam uma possibilidade de futuramente construir o atlas linguístico nacional.

O interesse pela delimitação dialetal do Brasil, proposta por Nascentes (1953), segundo o pesquisador, surge após o mesmo ter percorrido quase todo o território brasileiro. Segundo ele, porém, tal divisão não deve ser considerada definitiva. Tal divisão proposta pelo dialetólogo despertou o interesse de diversos pesquisadores da área de Dialetologia, os quais passaram a desenvolver pesquisas que buscavam atestar ou não a divisão de Nascentes nos dias atuais.

3METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos detalhadamente os procedimentos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, bem como informações acerca do Projeto ALiB, visando a uma contextualização deste estudo, uma vez que adotamos aqui o método de análise do referido projeto, que é a Geolinguística. Além disso, os dados acerca do recorte utilizado para a análise (área semântica: convívio e comportamento social), que inclui também informações sobre a rede de pontos, os informantes e o Questionário Semântico-lexical (QSL), serão aqui detalhados. Por fim, evidenciamos os critérios adotados para a análise dos dados, bem como para a pesquisa nos dicionários.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 9), “Em toda a pesquisa dialetal existe um *antes*, um *durante* e um *depois*. Tem-se, pois a fase de preparação, de execução e de análise. É preciso definir o *antes*, ter coragem para o *durante* e gosto para o *depois*”. Ao realizar uma pesquisa dialetal, portanto, é de extrema importância que se estabeleça um planejamento, o qual guiará o pesquisador em sua trajetória de pesquisa.

Para o desenvolvimento deste trabalho, começamos por definir o recorte a ser delimitado dentro do *corpus* do Projeto ALiB. Após algumas discussões, optamos por investigar a área semântica *Convívio e comportamento social*, constituída por 11 perguntas. Dentro da área semântica selecionada, optamos por trabalhar com as duas primeiras questões do questionário (QSL 136 e QSL 137). Diversos trabalhos monográficos, dissertações e teses vêm sendo desenvolvidas utilizando o *corpus* do Projeto ALiB como fonte de pesquisa. Todavia, as questões 136 e 137 do QSL não foram, ainda, alvo de investigação. Dessa forma, na escolha das questões, levamos em conta o fato de nenhum pesquisador ter realizado estudo baseado em tal recorte até o momento.

Após a definição das questões com as quais trabalharíamos, partimos para a escuta dos áudios e a leitura das transcrições resultantes dos inquéritos realizados pelo Projeto ALiB. Salientamos a importância desse processo de escuta dos áudios, pois, ainda que estejam disponíveis as transcrições dos inquéritos, as quais foram feitas por bolsistas do projeto, sob constante supervisão das pesquisadoras, consideramos que pode haver discrepância entre o que foi registrado pelos transcritores no momento da escuta e o que foi enunciado pelo informante. Isso pode ocorrer não por falta de atenção do transcritor, mas dada a dificuldade que pode ocorrer na compreensão do termo exato utilizado pelo informante.

Por diversas vezes, foi necessário ouvir mais de uma vez a mesma resposta do mesmo informante, a fim de garantir a fidelidade do que fora dito por ele. Um exemplo ocorreu com o informante 3 da localidade 101 (Santa Cruz Cabralia). Durante a escuta do áudio e leitura da transcrição referente à questão 136 (como se chama a pessoa que fala demais...), verificamos a ocorrência da resposta *cascaiteiro*. Entretanto, durante a análise e discussão das respostas catalogadas, tal lexia gerou dúvida quanto a ocorrência de um dos fonemas, levando-nos a crer que, na verdade, o informante teria dito *cascaiteiro* e não *casdadeiro*. Diante disso, fizemos novamente a escuta atenta do áudio referente à pergunta em questão, sendo constatado que, de fato, o informante utilizou o fonema [t] e não [d], sendo validade, portanto, a resposta *cascaiteiro*.

Todas as respostas dos informantes foram registradas e agrupadas em duas planilhas, uma para a pergunta 136, outra para 137. Após a audição dos áudios em paralelo à leitura das transcrições e o preenchimento das planilhas com as respostas

obtidas por meios dos inquéritos, iniciamos a elaboração dos gráficos e, por fim, confeccionamos as cartas linguísticas. Na subseção 3.3.4, serão detalhados os procedimentos para validação das respostas, para a definição dos critérios utilizados para os agrupamentos lexicais e para a pesquisa nos dicionários Aurélio (2004), Aulete (2017), Houaiss (2009) e Franco [19--?].

3.1 O PROJETO ALiB

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) possui como meta a produção de um Atlas que contemple a diversidade da Língua Portuguesa no Brasil, registrando, portanto, os diferentes *falares* que se manifestam na fala das pessoas nativas das mais diversas localidades brasileiras.

O interesse pela construção de uma Atlas Linguístico capaz de expressar a diversidade linguística brasileira surge pela primeira vez no ano de 1952, quando o Decreto 30.643, publicado em 20 de março, determina como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração de um atlas linguístico do Brasil, conforme Ribeiro (2012, p. 117).

Mas foi somente no ano de 1996, durante o Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, organizado por pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que a proposta de criação do atlas foi retomada. Nesta mesma época, foi constituído o Comitê Nacional, do qual fazem parte os professores Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), a qual preside o Comitê, Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Mário Roberto Lobuglio (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch (UFRGS), este último representando os atlas até então em andamento, conforme aponta Ribeiro (2012, p.118).

O Projeto ALiB está fundamentado nos pressupostos teóricos da Dialetologia e utiliza como método específico de análise a Geolinguística pluridimensional, que trabalha com o mapeamento linguístico. Sua ênfase está no estudo da variação

diatópica (espacial), mas não deixa de levar em conta a variação social, tendo como objetivo maior o fornecimento de dados descritivos da realidade linguística do Brasil.

O *corpus* do Projeto é composto por 1100 informantes, os quais, por decisão metodológica, permanecem no anonimato e estão distribuídos entre as 250 localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto. Foram escolhidas as variáveis sociais sexo e faixa etária para toda a amostra da pesquisa desenvolvida pelo Projeto ALiB. Nas capitais de cada estado, o grau de escolaridade é incluído como fator de diferenciação, agrupando os informantes em dois perfis distintos: 1) alfabetizados/com ensino fundamental incompleto; 2) nível superior completo.

Quanto à faixa etária, os informantes estão assim perfilados: faixa etária I – 18 a 30 anos; faixa etária II – 50 a 65 anos. Ainda quanto ao perfil dos informantes, ressaltamos que, conforme metodologia adotada pelo Projeto, estes deveriam ter nascido na região linguística que se estava pesquisando, não tendo permanecido afastados de sua cidade de origem durante um tempo equivalente a 1/3 de suas vidas. Além disso, preferencialmente, seus pais também teriam que ser naturais da mesma localidade linguística pesquisada.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário que o Comitê Nacional do Projeto ALiB desenvolvesse um questionário com as perguntas que seriam utilizadas nos inquéritos linguísticos. O questionário definitivo foi publicado em 2001, mas antes disso foram elaboradas versões experimentais, as quais foram testadas, discutidas e aprimoradas com base no contexto geográfico onde seriam aplicados conforme esclarece Ribeiro (2012, p. 120).

Em 2014, foram publicados os volumes I e II do Atlas Linguístico do Brasil, pela Eduel (Editora da Universidade Estadual de Londrina), tendo como autores as professoras Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, Jacyra Andrade Mota, Vanderci de Andrade Aguilera, Maria do Socorro Silva de Aragão, Aparecida Negri Isquerdo e os professores Abdelhak Razky, Felício Wessling Margotti e Cléo Vilson Altenhofen. Nos dois primeiros volumes, foram reunidos dados de 25 capitais de estado e os próximos volumes, já em fase de preparação, contarão com as 225 localidades ainda não contempladas nos dois primeiros volumes correspondentes às localidades do interior.

3.2 CORPUS/AMOSTRA

A amostra utilizada para esta pesquisa foi constituída a partir do *corpus* do Projeto ALiB. A área selecionada foi o estado da Bahia, localizado na região Nordeste do Brasil, a qual possui 22 localidades integrando a rede de pontos. Foram ouvidas as respostas das questões 136 e 137 dos 92 inquéritos linguísticos. Cada inquérito linguístico corresponde a um informante nascido em uma das 22 localidades.

3.2.1 Informantes

Neste estudo, trabalhamos com uma amostra composta por 92 informantes, sendo que para cada localidade do interior, dois são do sexo feminino e dois do sexo masculino, e para a capital, 4 são do sexo feminino e 4 do sexo masculino. Os informantes, conforme metodologia do Projeto ALiB, foram perfilados em duas faixas etárias: I, de 18 a 30 anos, e II, de 50 a 65 anos. Além disso, a variável escolaridade também foi levada em conta. Os informantes das localidades do interior possuem até a 4ª série do ensino fundamental (atual 5º ano). Quanto aos informantes da capital, 4 possuem, da mesma forma, até a 4ª série do ensino fundamental e os demais possuem nível superior.

3.2.2 – Questionário Semântico-Lexical – QSL

O questionário linguístico do Projeto ALiB, elaborado pelo Comitê nacional e cuja versão definitiva foi publicada em 2001, está subdividido em sete partes: Questionário fonético-fonológico (QFF), Questionário Semântico-lexical (QSL), Questionário morfossintático (QMS), Questões de pragmática (QP), Temas para discurso sem dirigido (TDS), Perguntas metalinguísticas (PM) e Texto para leitura (TL).

As questões cujas respostas foram alvos de análise neste estudo estão situadas dentro do Questionário Semântico-Lexical (QSL), que se subdivide em 14

áreas semânticas. No total, 202 perguntas compõem o QSL, as quais permitem registrar a variação lexical do português brasileiro.

A área semântica de número 8 (*Convívio e comportamento social*), onde estão situadas as questões 136 e 137, constituintes do *corpus* desta pesquisa, é composta por 11 perguntas. Essas perguntas permitem registrar não apenas a variação diatópica (espacial), mas também a diageracional, como se pode comprovar através da fala do informante 3 da localidade de Jequié, transcrita a seguir:

INF.- Fulano é rude, mas antigamente chama rude. Hoje, não é mais, fulano é... não é... a gente chama rude, não sabe ler, demora, naquele tempo chamava rude. Fulano é rude, não aprende nada.

Embora não apresente uma forma alternativa, o informante é bastante enfático ao afirmar que a lexia *rude* era utilizada no passado. Sua afirmação “Hoje, não é mais [...]” nos permite afirmar que, para ele, atualmente já não se usa tal termo para designar “a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas” e sua hesitação verificada no trecho “fulano é...” nos leva a supor que no momento do inquérito ele não se recordava da forma atual utilizada.

Além disso, as repostas obtidas também permitem o estudo da variação diastrática, já que, em certos momentos, os informantes deixam claro que há uma distinção no modo de falar de pessoas pertencentes a diferentes estratos socioculturais. A fala da informante 6, da localidade 96 (Salvador), transcrita a seguir, corrobora tal afirmação:

INQ. – Às vezes, até na escola, criança com dificuldade, como é que você se refere?

INF. – Eu não... não chamo meus alunos de burro, entendeu? As pessoas chamam, as pe... as outras que têm dificuldade de aprender de burro. Agora, obviamente, que eu, enquanto pedagoga, não vou chamar meu aluno de burro.

INQ. – Claro.

INF. – Até porque são crianças.

INQ. – É.

INF. – Cada um tem sua fase, cada um tem seu tempo.

INQ. – Mas se você quiser se referir a uma pessoa que tenha alguma dificuldade assim. Como é que você diria.

INF. – É, chama de burro mesmo, às vezes: "Pô, você é burro, viu?!" Tô explicando... Tô explicando... (risos).

A informante ressalta que, enquanto pedagoga, não lhe convém empregar o termo *burro* para designar *a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*. Ou seja, o grau de instrução exerceria influência sob a forma de falar do indivíduo. Apesar de deixar marcado que há uma diferença, a informante não apresenta uma forma alternativa como resposta à pergunta 137, sendo validada, portanto, a lexia *burro* como única resposta.

Embora tenhamos identificado, na fala de alguns informantes, respostas que permitem o estudo da variação diageracional e diastrática, por opção metodológica, optamos por não nos aprofundarmos na análise da influência dessas variáveis nas respostas obtidas.

No processo de análise das respostas catalogadas, notamos um fato que nos chamou a atenção. Na formulação da pergunta foi utilizado o termo “a pessoa”, o que poderia levar o informante a optar pela forma feminina da resposta, a fim de manter a coerência com a pergunta. Todavia, nas respostas cujo termo empregado possuía as formas masculina e feminina, houve uma predominância do uso da lexia no sexo masculino. Para a questão 136 (como se chama a pessoa que fala demais...), por exemplo, houve 32 ocorrências da lexia *conversador*, 19 da forma feminina *conversadeira* e uma ocorrência da forma *conversadora*. Na questão 137 (como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas...) a lexia *burro* teve um total de 56 ocorrências, enquanto a forma feminina, *burra*, teve apenas 7 ocorrências.

Portanto, a hipótese de que a forma como a pergunta foi formulada, utilizando o termo “a pessoa”, poderia motivar o uso de termos nas mulheres não se comprova, com base na análise quantitativa das respostas, considerando o percentual de uso de formas femininas em comparação com as formas masculinas.

3.3.3 Localidades

Segundo Cardoso (2010), “Considerando-se o espaço geográfico, pode estabelecer-se como lócus da pesquisa uma única localidade, um estado, uma região,

um país, um continente, [...]”. No caso deste estudo, estabelecemos o estado da Bahia como *locus* de pesquisa.

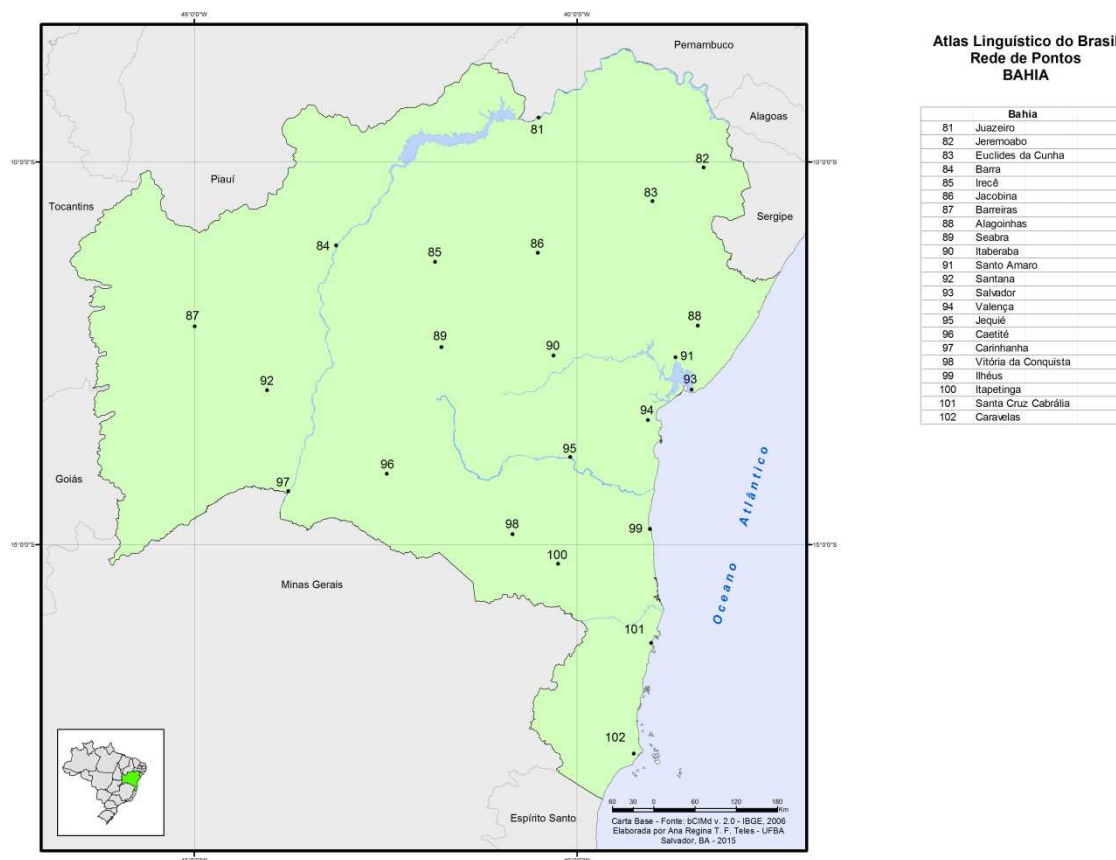
A Bahia compõe as 26 unidades federativas do Brasil e está localizada na parte Sul da região Nordeste, estando limitada por 9 estados (Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Tocantins, Piauí, Pernambuco, Alagoas e Sergipe). Dentro os estados nordestinos, a Bahia é o que possui maior extensão territorial, 564.732,642 (km²), dado referente ao ano de 2015, o maior número de municípios, 417 e a maior população, 14.016.906, estimativa para o ano de 2010, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O quadro 01 mostra algumas características do estado da Bahia, que compõe as 22 localidades que fazem parte deste estudo.

Número do ponto	Localidade	Fundação	Área (km²)	População estimada (2016)
82	Jeremoabo	1718	4.627,275 km ²	41.387 hab.
83	Euclides da Cunha	1881	1.992,639 km ²	61.618 hab.
84	Barra	1873	11.422,537 km ²	54.563 hab.
85	Irecê	1933	319,174 km ²	73.915 hab.
86	Jacobina	1677	2.192,906 km ²	83.435 hab.
87	Barreiras	1902	7.538,152 km ²	155.519 hab.
88	Alagoinhas	1872	707,38 km ²	155.362 hab.
89	Seabra	1863	2.402,169 km ²	45.395 hab.
90	Itaberaba	1843	2.386,39 km ²	66.592 hab.
91	Santo Amaro	1727	489,323 km ²	61.836 hab.
92	Santana	1868	1.909,352 km ²	27.381 hab.
93	Salvador	1549	692,818 km ²	2.938.092
94	Valença	1801	1.124,657 km ²	98.053 hab.
95	Jequié	1880	2.969,034 km ²	26.988 hab.

96	Caetité	1754	2.651,536 km ²	52.696 hab.
97	Carinhanha	1806	2.529,442 km ²	30.041 hab.
98	Vitória da Conquista	1840	3.705,838 km ²	346.069 hab.
99	Ilhéus	1535	1.584,693 km ²	178.210 hab.
100	Itapetinga	1923	1.651,153 km ²	76.881 hab.
101	Santa Cruz Cabrália	1500	1.459,832 km ²	28.394 hab.
102	Caravelas	1574	2.396,609 km ²	22.646 hab.

Quadro 01- Localidades que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB- elaborado pela autoraFonte: IBGE

A rede de pontos do Projeto ALiB utilizada para este estudo pode ser visualizada na carta 01.



Carta 01- Rede de pontos do Projeto ALiB - Bahia
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB

3.3.4 Passo a passo da pesquisa: audição, recorte, pesquisa em dicionários, análise estatística, cartografia

A audição dos inquéritos juntamente com a conferência das transcrições constitui-se na primeira etapa da pesquisa. A catalogação das respostas foi realizada através do registro em duas planilhas em Excel, uma para a pergunta 136, outra para a pergunta 137. Durante esse processo, registramos observações acerca de situações que chamavam atenção e poderiam servir para fins de comentários e/ou exemplificação no momento da análise dos dados. Exemplo de observação registrada ocorreu quando o informante demonstrava dúvida em relação à lexia apresentada como resposta ou nos casos em que hesitava em dar a respostas.

Para a composição da amostra, foram validadas não apenas a primeira resposta do informante, mas todas as lexias por ele apresentadas como possíveis respostas. Assim, foram validadas as repostas em número total conforme apresentadas pelo informante. A escuta cuidadosa e atenta dos áudios dos inquéritos é de fundamental importância, pois, em certos casos, o que poderia ser entendido inicialmente como resposta válida, após análise mais acurada foi identificada como “organização do pensamento”. Para a validação das respostas, observamos se o informante demonstrava estar enumerando possibilidades de respostas alternativas, variantes lexicais de um item já pronunciado.

A ordem de cada resposta válida apresentada pelo informante foi estabelecida através de uma letra do alfabeto (a, b, c, etc). Fizemos a transcrição fonética e grafemática de todas as respostas válidas. Na transcrição fonética, consideramos a pronúncia original do informante, levando em conta ocorrência de monotongação, por exemplo. Quando realizamos os agrupamentos lexicais, entretanto, foram desconsideradas as variações fônicas. Assim, casos de ditongação ou não ditongação, por exemplo, foram agrupadas em um mesmo conjunto (como nas formas lexicais *conversadeira/conversadera*). As formas lexicais flexionadas em gênero foram agrupadas junto às formas não flexionadas (como ocorreu no caso de *burro/burra*), bem como no caso da flexão de grau (ocorrência única de *burrinho* como forma diminutiva de *burro*). As lexias compostas *cabeça-*

dura, *cabeça-tapada* e *cabeça-ruim* foram agrupadas considerando a ocorrência em comum do sema *cabeça*.

Para a consulta aos dicionários, as lexias que tiveram ocorrência única não foram consideradas, exceto as que foram agrupadas, como *lingudo*, que foi agrupada juntamente com *língua-grande* e *linguarudo*. Consultamos os dicionários buscando a ocorrência das formas lexicais validadas como resposta como verbete, cuja significação estivesse relacionada ao conceito expresso pelas perguntas (como se chama a pessoa que fala demais... / como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas...).

A análise estatística e cartográfica foram realizadas após a revisão final das planilhas, a partir da versão que continha os agrupamentos. Os gráficos e as cartas apresentam apenas os números correspondentes às respostas validadas. Assim, excluem-se os registros NS/NO (não sabe ou não obtida), pois não são consideradas respostas válidas.

4ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentadas as análises linguísticas das respostas obtidas para as questões 136 e 137 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), considerando seu percentual de ocorrência no conjunto das 22 localidades que constituem o *corpus* desta pesquisa, a presença/ausência das formas lexicais nos dicionários Aulete (2017), Aurélio (2004) e Houaiss (2009). Também foi consultado o dicionário de Franco [19--?], a fim de verificar a presença de uma das respostas obtida para a questão 136 (como se chama a pessoa que fala demais...): *tomou água de chocalho*. Aqui serão apresentados os resultados através de gráficos, bem como por meio de cartas linguísticas.

4.1 QUESTÃO 136 – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

Na análise da pergunta 136 (como se chama a pessoa que fala demais...) do Questionário Semântic-Lexical (QSL), verificamos que houve, em alguns casos, problemas de compreensão por parte do informante. Com base em algumas respostas obtidas, percebemos que alguns deles não faziam distinção entre a pessoa que fala demais, de um modo geral, e a pessoa que fala da vida dos outros. Outros, entretanto, deixavam claro que há diferença.

A escuta do inquirido do informante 1 da localidade de Euclides da Cunha, por exemplo, inicialmente, nos levou à validação de 3 respostas: *fofoqueiro*, *conversadeira*, *Maria-do-leite*. Todavia, uma análise mais atenta nos levou a descartar uma dessas respostas. Durante a escuta do inquirido, percebemos que é feita uma intervenção por parte da inquiridora auxiliar, a fim de verificar se o informante considera a distinção entre quem fala demais de modo geral e quem fala da vida dos outros, como podemos verificar na transcrição a seguir:

INF. — Fofoqueiro

INQ. — Só chama assim?

INF. — É... Conversadeira

INQ. — Anh, (inint) aquela pessoa...

INF.— Aquela pessoa que é fofoqueira. É...

INQ. — Por que ela fala muito?

INF. — Fala muito é.

INQ. — É fofoqueira porque fala muito é?

INF. — Quem fala demais é porque é fofoqueira, gosta de viver da vida dos outros, Maria-do-leite.

INQ. — É? É como?

INF. — Chama de Maria-do-leite

INQ. — Ah, Maria-do-leite

INF. — Aquela Maria-do-leite conversa demais! Parecendo a Maria-do-leite.

INQ. — Mas é fofoqueiro por que fala demais ou por que fala da vida dos outros?

INF.— Dos outros, fica falando demais.

INQ. — E se só falar demais sem ser da vida dos outros, às vezes tá falando da própria vida. Falando... falando.. falando...

INF. — Fala demais... é...gosta de falar da própria vida dela. É.

INQ. — Essa Maria-do-leite é quando...

INF. — Comenta demais das coisas.

A primeira resposta, *fofoqueiro*, foi descartada, já que o informante não deixa claro se há ou não distinção semântica entre as formas lexicais *fofoqueiro*, *conversadeira* e *Maria-do-leite*. Apesar da intervenção da inquiridora “Mas é fofoqueiro por que fala demais ou por que fala da vida dos outros?”, o informante parece confuso quanto ao uso da primeira forma lexical apresentada como resposta. Assim, foram validadas somente as respostas *conversadeira* e *Maria-do-leite*, que passaram a ser, respectivamente, primeira e segunda respostas.

Já na localidade de Carinhanha, o informante 1 responde, inicialmente, *fofoqueiro*, mas após esclarecimento por parte da inquiridora, responde *conversador*, como podemos comprovar através da transcrição a seguir:

INF. — fofoqueiro.

INQ.- ... mas não precisa falar da vida dos outros não...

INF.- Não?

INQ.- ... pode só falar de mais, conversar de mais.

INF.- Conversar demais? Você sempre fala que é... sei lá... jogar conversa fora, é, conversar demais assim...

INQ.- Então, fulano é...?

INF.- Conversa-fiada.

INQ.- Aí...

INF.- Sempre eles fala que é conversador.

INQ.- Ah, tá. Certo.

Portanto, a primeira resposta, *fofoqueiro*, foi também descartada e a segunda, *conversador*, passou a ser a única resposta.

Algumas lexias obtidas como respostas ao invés de serem descartados, como nos dois casos já relatados, foram agrupadas juntamente com outras, considerando alguns os critérios para agrupamento, já descritos na subseção 3.3.4.

O quadro a seguir apresenta as formas lexicais agrupadas, bem como os agrupamentos resultantes da aplicação dos critérios de agrupamento. Os agrupamentos estão elencados em ordem decrescente em relação ao percentual de ocorrências, sendo aplicada a ordem alfabética em caso de empate.

Agrupamentos lexicais	Itens lexicais agrupados
-----------------------	--------------------------

<i>conversador/-a/-eira</i>	<i>conversador, conversadora, conversadeira</i>
<i>falador/-eira</i>	<i>falador, faladeira</i>
<i>linguarudo/língua-grande</i>	<i>linguarudo, lingudo, língua-grande</i>
<i>tagarela</i>	<i>tagarela</i>
<i>falastrão/-ona</i>	<i>falastrão, falastrona</i>
<i>fofoqueiro/-a</i>	<i>fofoqueiro, fofoqueira</i>
<i>fuxiqueiro/-a</i>	<i>fuxiqueiro, fuxiqueira</i>
<i>Maria-do-leite/nega-do-leite</i>	<i>Maria-do-leite, nega-do-leite</i>
<i>papagaio (de marinheiro)</i>	<i>papagaio, papagaio de marinheiro</i>
<i>outras denominações</i>	<i>arengueiro, cascadeiro, estouvada, fala-demais, janela-aberta, motorrario, tomou água de chocalho, popular, zoadinha</i>

Quadro 02 – Formas lexicais para a questão 136-QSL — agrupamentos Fonte: Elaborado pela autora.

Para a questão 136 QSL, foram computadas 133 ocorrências, sendo obtidas 129 respostas válidas e 4 ocorrências do tipo NS/NO (não sabe/não obtida). Desse total, houve 1 ocorrência do tipo NS e 3 do tipo NS.

O gráfico 01 mostra o percentual de ocorrência das respostas válidas.

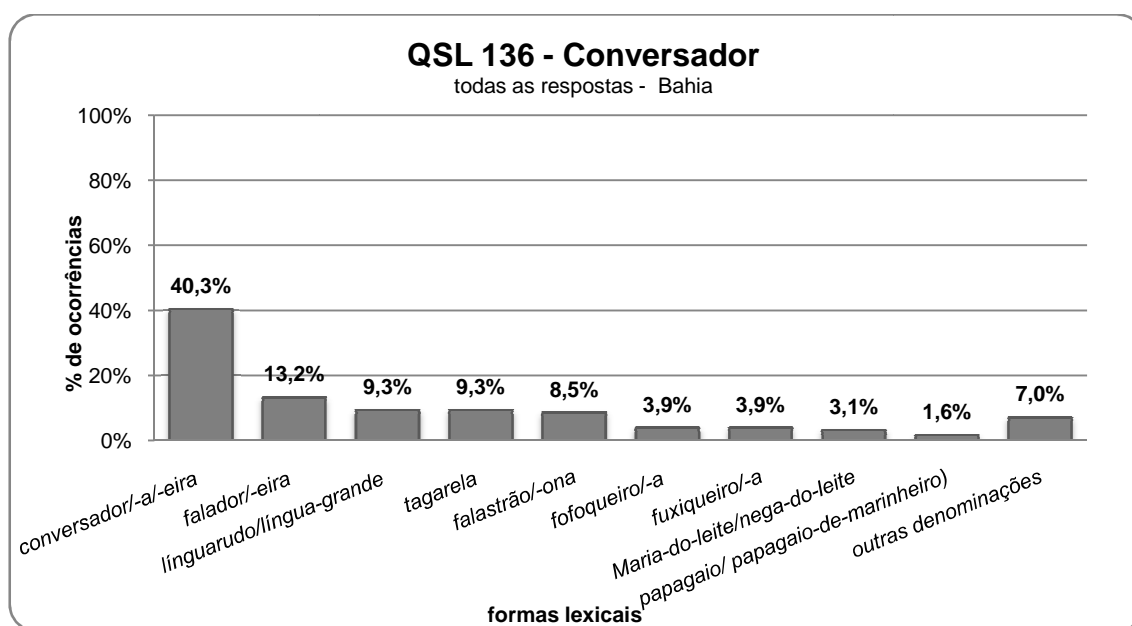


Gráfico 01– Respostas documentadas para a pergunta 136/QSL – todas as respostas – BahiaFonte: Elaborado pela autora.

A partir da análise do gráfico, identificamos que *conversador/-ora/-eira* obteve um total de 40,3%, seguido de *falador/-eira* com 13,2 % e *linguarudo/língua-grande*, com 9,3 %, empatado com *tagarela*, que obteve os mesmos 9,3 % de ocorrência, sendo considerada, nesse caso, a ordem alfabética. Logo após, temos a ocorrência de 8,5% para *falastrão/-ona* e 3,9% tanto para *fofoqueiro/-eira*, quanto para *parafuxiqueiro/-eira*, sendo empregada novamente a ordem alfabética, em virtude da ocorrência de empate quanto ao percentual de ocorrência. *Maria-do-leite/nega-do-leite* e *papagaio/ papagaio-de-marinheiro* obtiveram, respectivamente, 3,1 e 1,6% das ocorrências válidas. As respostas únicas, agrupadas como *outras denominações*, tiveram um total de 7,0% de ocorrência.

O gráfico 02 mostra o percentual de ocorrência das lexias documentadas em cada localidade.

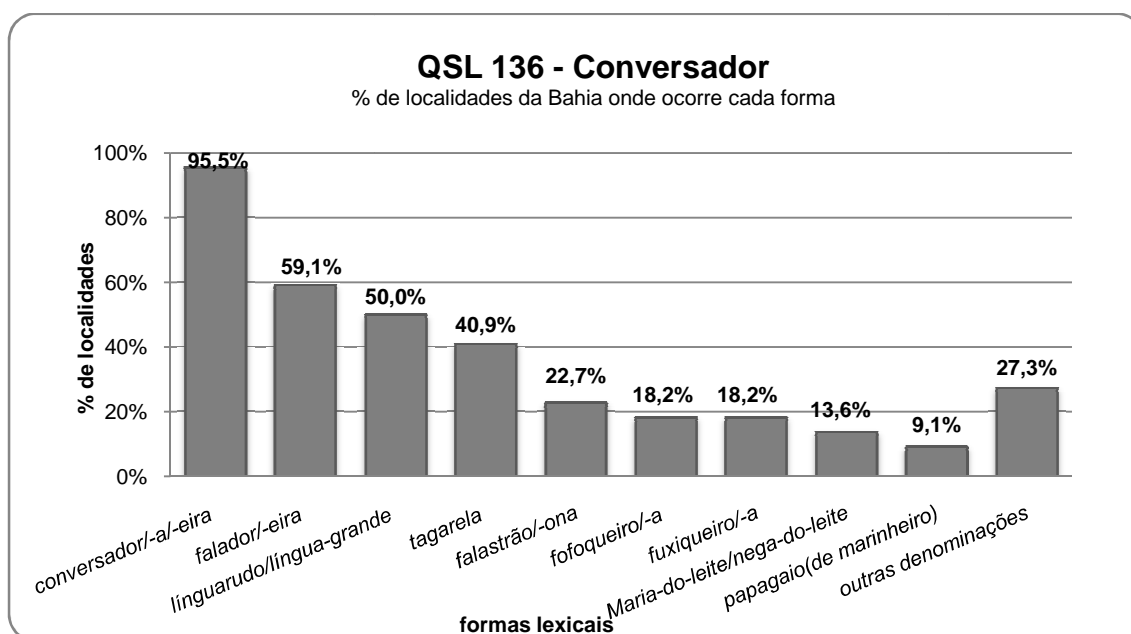
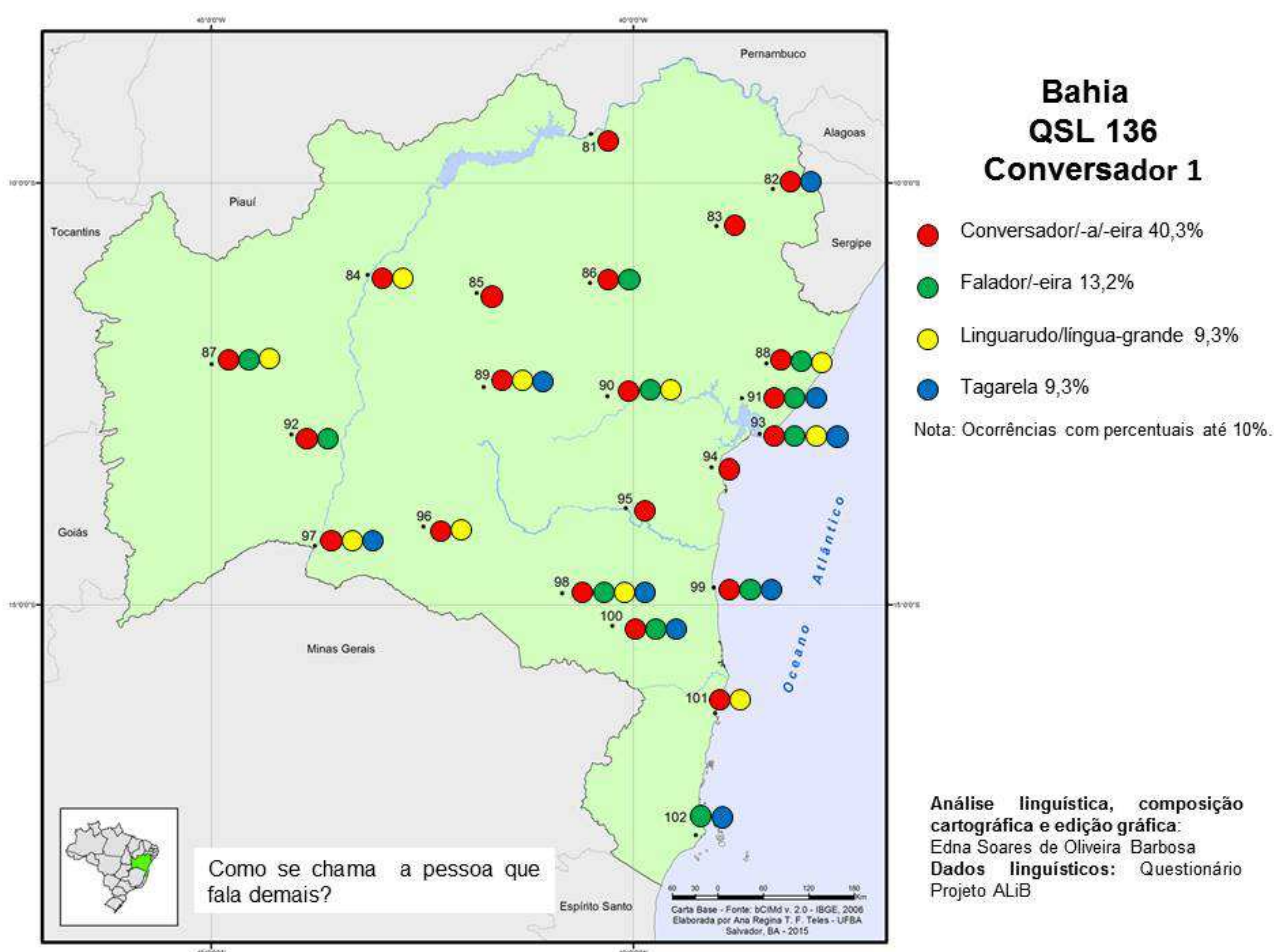


Gráfico 02 - Conversador – percentual de localidades onde ocorre cada forma lexical documentada na BahiaFonte: Elaborado pela autora.

Com base na análise do gráfico 02, verificamos que *conversador/-a/-eira* ocorre em quase cem por cento das localidades, registrando um percentual de 95,5%. A segunda forma que mais aparece é *falador/-eira/-a*, com 59%, seguida de *linguárudo/língua-grande*, com 50% e *tagarela*, com 40%. As ocorrências únicas, agrupadas em *outras denominações*, alcançam 27,3, percentual maior que *falastrão/-ona*, com 22,7%, *fofoqueiro/-a*, com 18,2%, *Maria-do-leite/Nega-do-leite*, com 13,6% e *papagaio (de marinheiro)* com 9,1%.

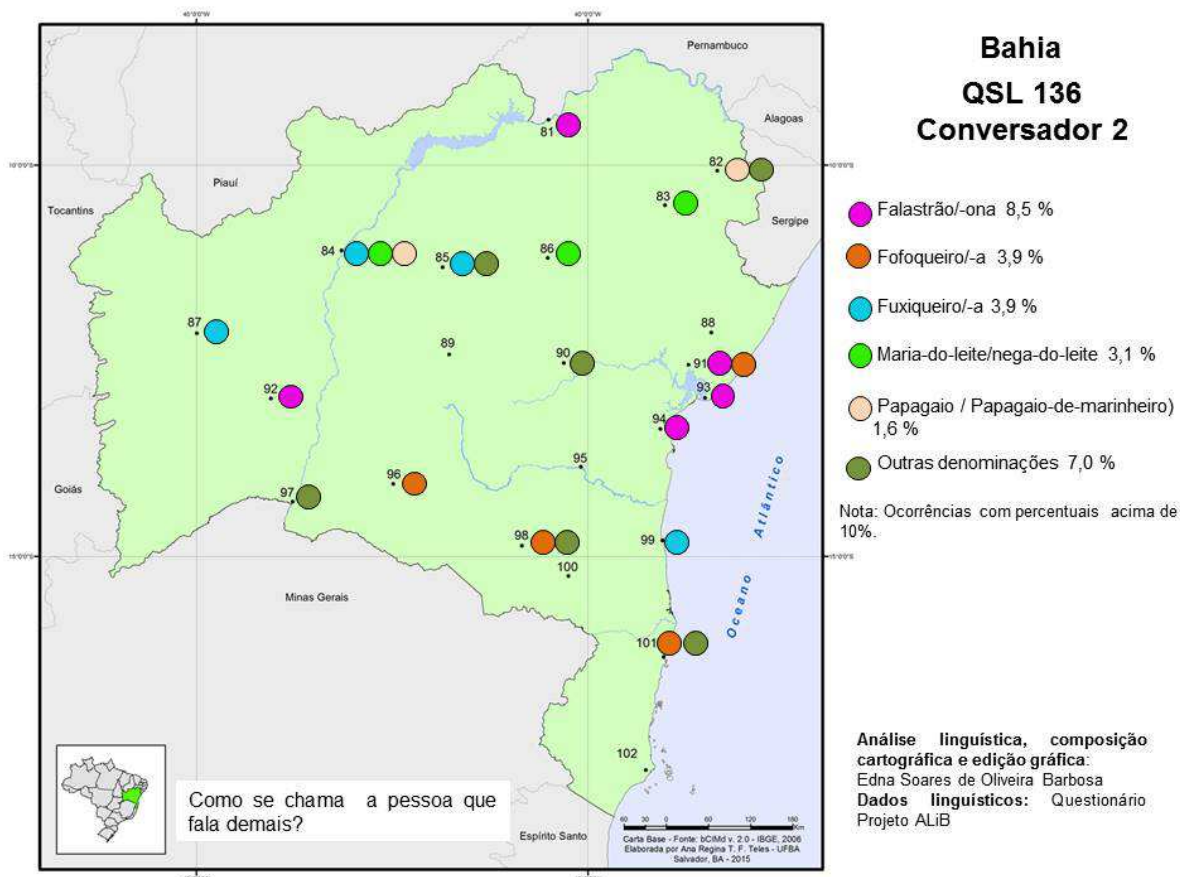
As cartas 02 e 03 a seguir mostram o resultado da pesquisa das formas lexicais obtidas como resposta para a questão 136 do QSL (como se chama a pessoa que fala demais...) no estado da Bahia. As cartas precisaram ser duplicadas a fim de uma melhor visualização dos dados, uma vez que, caso os dados estivessem dispostos em apenas uma carta, haveria dificuldade de leitura dos mesmos. Assim, a carta 01 apresenta a cartografia linguística das formas lexicais até 10%, sendo as formas lexicais com ocorrência acima de 10% representadas na carta 02.



Carta 02- QSL 136 – Conversador

A análise da carta 02 nos permite verificar que as formas lexicais mais frequentes na área pesquisada foram *conversador/-a/-eira*, presentes em 21 localidades, (somente na localidade 102, Caravelas, não foram registradas ocorrências de *conversador/-a/-eira*). Em seguida, temos as formas *falador/-eira*, que ocorreram em 13 localidades, seguida de *linguarudo/língua-grande*, que foram documentadas em 11 localidades. Já o item lexical *tagarela* aparece em 9 das 22 localidades pesquisadas.

Na carta 03, podemos verificar que *falastrão/-ona* aparece em 5 localidades, *fofoqueiro/-a* em 4 localidades e *fuxiqueiro/-a* em 4 localidades. Já as ocorrências *Maria-do-leite/nega-do-leite* e *papagaio/papagaio-de-marinheiro* foram registradas, respectivamente, em 3 e 2 localidades. As respostas únicas (outras denominações) aparecem em 6 localidades.



Carta 03- QSL 136 – Conversador

4.2 QUESTÃO 137 - QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

A questão 137 do QSL (como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas...) traz consigo a questão do tabu linguístico. Durante a audição dos inquéritos, em diversos momentos, percebemos certo grau de hesitação por parte do informante no momento de responder a tal pergunta. Em alguns casos, o informante destaca que as pessoas chamam de *burro*, não incluindo a si mesmo como parte desse grupo de pessoas, como podemos verificar na fala a seguir transcrita:

INF. — Os colega gosta de chamar, fulano é burro, assim né

INQ. — Você chama assim também?

INF. — Não, mas os colega gosta muito de falar

INQ. — Aqui chama assim...

INF. — É.

A forma lexical *rude* aparece na fala do informante 3 da localidade de Jacobina como forma alternativa para *burro*:

INF. — É rudo né (rindo)

AUX. — Como?

INF. — Rudo, pra não dizer que é burro (rindo).

A utilização da lexia *rudo*, parecer ser utilizada pelo informante como uma forma eufêmica, já que para ele a forma *burro* seria mais agressiva.

Quanto à questão 137 do QSL, foram computadas 120 ocorrências, sendo que desse total, 115 foram respostas válidas e 5 foram respostas do tipo NS/NO(3 ocorrências de NS 2 de NO). O quadro a seguir apresenta as formas lexicais agrupadas, bem como os agrupamentos resultantes da aplicação dos critérios de agrupamento. Os agrupamentos estão elencados em ordem decrescente, sendo aplicada a ordem alfabética em caso de empate.

Agrupamentos lexicais	Itens lexicais agrupados
-----------------------	--------------------------

<i>analfabeto/-a</i>	<i>analfabeto, analfabeta</i>
<i>burro/-a/-inho</i>	<i>burro, burra, burrinho</i>
<i>cabeça-dura/tapada/ruim</i>	<i>cabeça-dura, cabeça-tapada, cabeça-ruim, cabeçudo</i>
<i>cavalo</i>	<i>cavalo</i>
<i>rude/-o/-a</i>	<i>rude, rudo, ruda</i>
<i>outras denominações</i>	<i>bode, desatento, desinteligente, idiota, jumento, lerdo, ignorante, lerdo, memória-ruim, muco, retardado</i>

Quadro 03 – Formas lexicais para a questão 137- QSL — agrupamentosFonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 03 apresenta os resultados estatísticos referentes à pergunta 137 (como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas...) e em seguida tecemos considerações acerca da análise dos resultados apresentados.

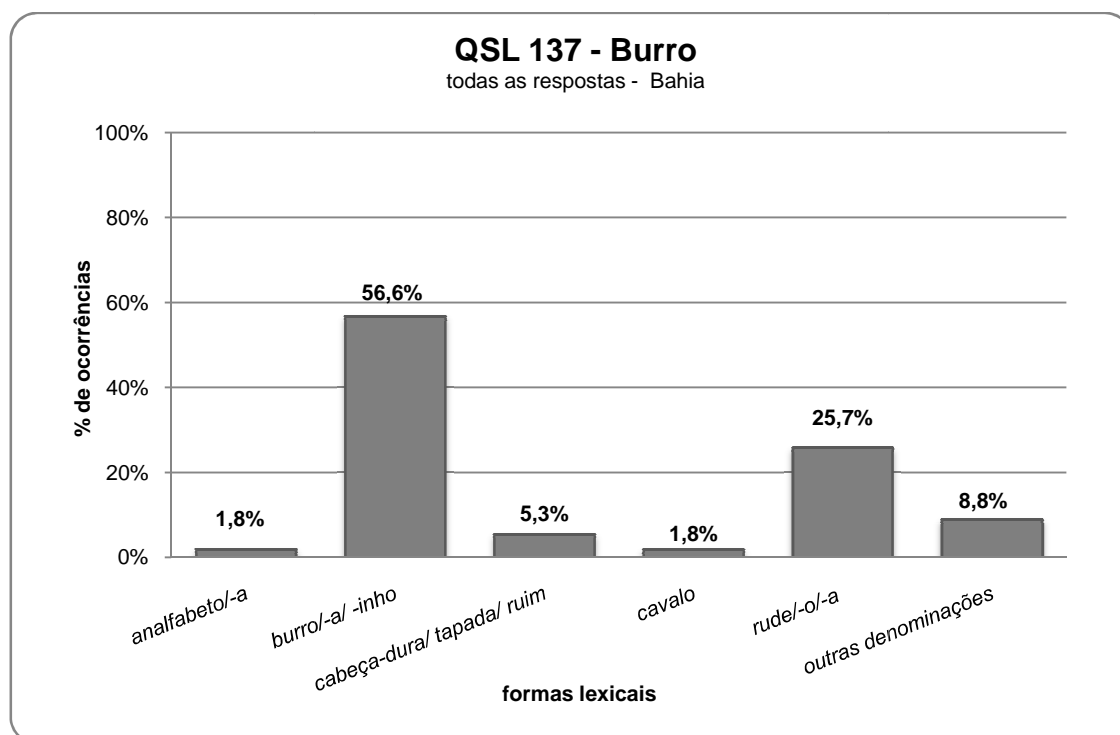
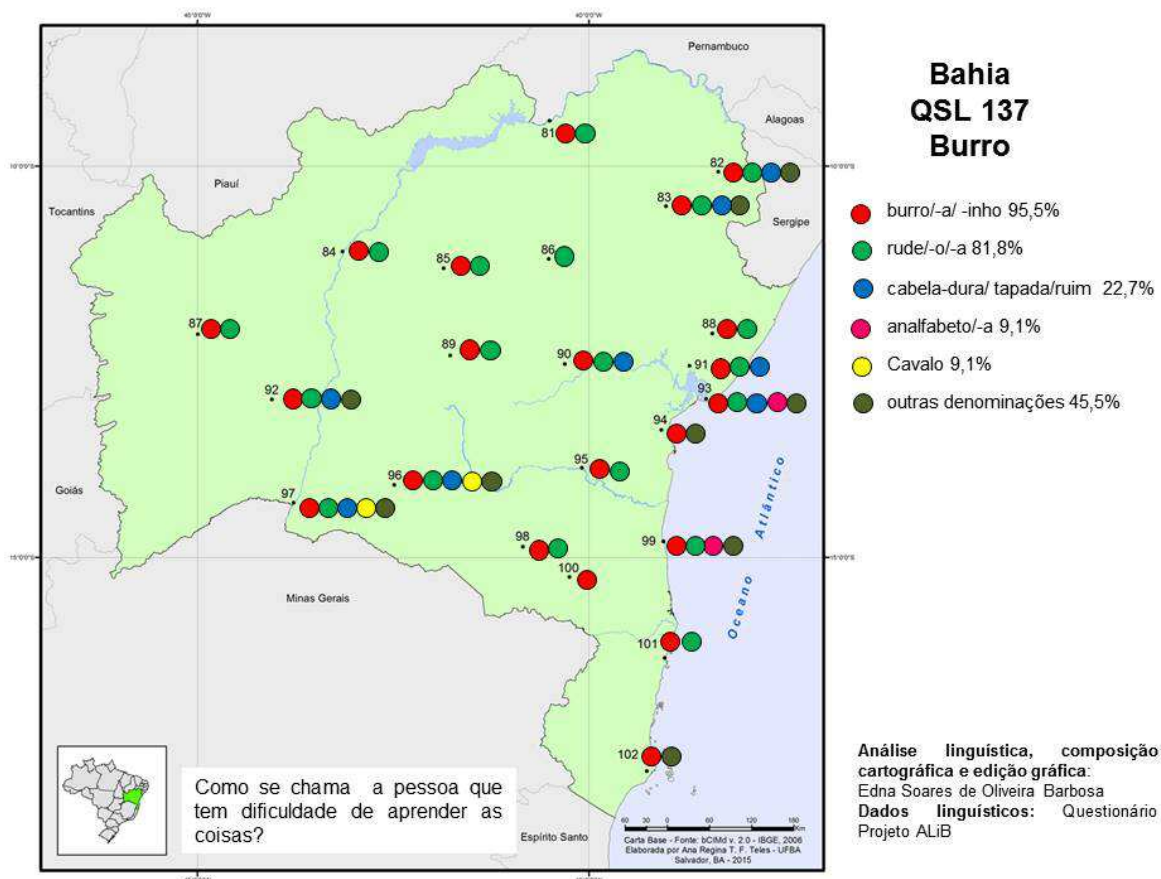


Gráfico 03– Respostas documentadas para a pergunta 137/QSL – todas as respostas – BahiaFonte: Elaborado pela autora.

Na análise estatística dos dados, verificamos que *burro/-a/-inho* obteve o maior percentual de ocorrência, 56,6%. Em seguida, temos *rude/-a/-o*, com 25,7%. As ocorrências únicas, agrupadas em outras denominações alcançaram 8,8%,

percentual maior que *cabeça-dura/tapada/ruim*, que obteve 5,3%. As formas *cavalo* e *analfabeto/-a* tiveram ocorrência de 1,8% cada.

Na distribuição espacial das respostas obtidas, verificamos que *burro/-a/-inho* está presente em 21 localidades pesquisadas, sendo, portanto, predominante na área estudada, como se pode verificar na carta 04 a seguir:



Carta 04 - QSL 137 Burro

Logo a após a forma *burro/-a/-inho*, identificamos a forma *rude/-a/-o* como a segunda mais frequente na área em estudo, tendo ocorrido em 19 das 22 localidades pesquisadas. A terceira forma mais frequente é *cabeça-dura/tapada/ruim*, coque aparece em 4 localidades. *Cavalo* e *analfabeto/-a* são as formas menos frequentes dentre as formas que obtivem acima de uma ocorrência, tendo sido registradas em duas localidades cada uma. *Outras denominações* foram documentadas em 10 localidades.

Elaboramos dois quadros (uma para cada as respostas à pergunta 136, outro para as respostas à pergunta 137) contendo o resultado da consulta aos dicionários.

Neles, registramos as três situações possíveis: D (Dicionarizada), ND (Não Dicionarizada) e DCOS (Dicionarizada Com Outro Sentido).

Os casos em que as lexias estavam dicionarizadas, porém com sentido diferente, não foram registradas nos quadros referentes à consulta aos dicionários e análise dos resultados obtidos. Nesse caso, em lugar do verbete, o espaço foi preenchido como DCOS (Dicionarizado Com Outro Sentido). Já os casos em que a lexia não foi encontrada no dicionário consultado registramos como ND (Não Dicionarizado). Registramos como DCOS também os casos de formas remissivas. A seguir, segue o quadro 01 contendo os resultados encontrados.

LEXIAS DOUMENTADAS	AULETE original	AULETE atualizado	AURÉLIO (2004)	HOUAISS (2009)
Conversadeira	DCOS	D	D	D
Conversador	D	D	D	D
Conversadora	ND	ND	ND	ND
Faladeira	D	D	D	D
Falador	D	D	D	D
Falastrão	D	D	D	D
Falastrona	ND	ND	D	ND
Fofoqueira	D	ND	ND	ND
Fofoqueiro	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
Fuxiqueira	ND	ND	ND	ND
Fuxiqueiro	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
Língua-grande	ND	ND	ND	ND
Linguardo	DCOS	D	DCOS	D
Lingudo	ND	ND	ND	ND
Maria-do-leite	ND	ND	ND	ND
Nega-do-leite	ND	ND	ND	ND
Tagarela	D	D	D	D

Quadro 01- presença/ausência das lexias nos dicionários - QSL 136

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 01 nos permite verificar que somente as lexias *conversador*, *faladeira*, *falador*, *falastrão* e *tagarela* estão dicionarizadas em todas as obras consultadas. Sabendo que os dicionários costumam registrar como verbete as formas masculinas nas entradas, surpreende o fato de termos encontrado a lexia *faladeira*, forma feminina de *falador*.

Os itens lexicais *fofoqueiro* e *fuxiqueiro* são os únicos que aparecem dicionarizados com outro sentido (DCOS) nas quatro obras consultadas. Verificamos também que as três lexias compostas documentadas não estão dicionarizadas em nenhum dos dicionários consultados, bem como as formas femininas *conversadora* e *fuxiqueira*. A seguir verificamos no quadro 02 as lexias documentadas e o registro da dicionarização de cada uma delas.

LEXIAS DOUMENTADAS	AULETE original	AULETE atualizado	AURÉLIO (2004)	HOUAISS (2009)
burra	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
burrinho	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
burro	D	D	D	D
cabeça-dura	D	D	D	D
cabeça-ruim	ND	ND	ND	ND
cabeça-tapada	ND	ND	ND	ND
cavalo	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
ruda	DCOS	ND	ND	ND
rude	DCOS	DCOS	DCOS	D
rudo	DCOS	ND	ND	DCOS

Quadro 02- presença/ausência das lexias nos dicionários - QSL 137
Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 02 mostra que somente os itens lexicais *burro* e *cabeça-dura* estão dicionarizados em todas as obras consultadas.

4.3 PRESENÇA/AUSÊNCIA DAS LEXIAS NOS DICIONÁRIOS- QSL 136

Para a pesquisa nos dicionários, não foram consideradas as lexias que tiveram ocorrência única, exceto o fraseologismo *tomou água de chocalho*, que foi pesquisado no Novo Dicionário da gíria brasileira (VIOTTI, 1956) e Dicionário de Expressões Populares Brasileiras (FRANCO, [10--?]) e as formas que foram agrupadas, como é o caso de *burrinho*, agrupada juntamente com *burro/-a*.

As formas lexicais *cabeça-ruim* e *cabeça-tapada*, ambas não dicionarizadas, mas pertencentes ao mesmo agrupamento, foram dispostas em um mesmo quadro,

com vistas à simplificação. O mesmo ocorreu com as formas *Maria-do-leite* e *negado-leite*.

Dicionários	conversadeira
AULETE (atualizado)	(con.ver.sa.dei.ra) a.1. Fem. de conversador, que tem prazer de conversar (anfitriã <u>conversadeira</u>).sf.2. Mulher que gosta de conversar ou que conversa bem 3. P.ext. Pej. Aquela que comete indiscrições sobre a vida alheia em suas conversas; FALADEIRA
AULETE (original)	DCOS
AURÉLIO (2004)	[De conversar- <i>deira</i> .] Adj. (f.) 1. Feminino de <i>conversador</i> : “A Consuelo é muito alegre e conversadeira” (José J. Veiga, <i>Os Pecados da Tribo</i> , p. 12).
HOUAISS (2009)	substantivo feminino 3 mulher que conversa bem ou muito

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos dicionários consultados, a lexia *conversadeira* aparece dicionarizada como substantivo feminino, exceto na versão *online* do dicionário Aulete. É interessante notar que na versão atualizada, a forma lexical aparece dicionarizada inclusive como uma forma pejorativa utilizada para designar a pessoa que fala da vida dos outros. Assim, o termo é aplicado não apenas àquele (a) que fala demais, de modo geral, mas também a quem comete indiscrição ao falar da vida alheia.

Dicionários	conversador
AULETE (atualizado)	(con.ver.sa.dor) [ô] a. 1. Que gosta de conversar; que conversa muito, ou em excesso; FALADOR sm. 2. Indivíduo conversador. [F.: <i>conversar</i> + <i>-dor</i> ; lat. <i>conversator</i> , <i>oris</i> 'companheiro, aquele que convive'.]
AULETE (original)	adj. e s. m. que ou o que entretém conversação; que gosta de conversar: Nicolau de Brito - <i>conversador</i> daquela boa escola de Júlio César Machado. (Alberto Pimentel, <i>Sem Passar a Fronteira</i> , p. 23, ed. 1902). F. lat. <i>Conversator</i> .
AURÉLIO (2004)	(ô). [De <i>conversar</i> + <i>-dor</i> .] Adj. 1. Que conversa ou gosta de conversar. [Sin.(p.us): <i>conversante</i> .] S.m2. Indivíduo conversador; conversa-fiada, papo.

HOUAISS (2009)	adjetivo e substantivo masculino 1 que ou aquele que conversa, que tem prazer em conversar 2 Derivação: por extensão de sentido. que ou quem conversa muito
----------------	---

Fonte: Elaborado pela autora.

A forma lexical *conversador* está dicionarizada nos três dicionários consultados como substantivo masculino o qual se refere à pessoa que gosta de conversar em excesso, estando, portanto, de acordo com a pergunta realizada.

Dicionários	conversadora
AULETE (atualizado)	ND
AULETE (original)	ND
AURÉLIO (2004)	ND
HOUAISS (2009)	ND

Fonte: Elaborado pela autora.

Já a lexia *conversadora* não está dicionarizada em nenhum dos dicionários consultados. O informante não utiliza o sufixo *-oraparaa* formação da forma feminina de *conversador*.

Dicionários	faladeira
AULETE (atualizado)	(fa.la.dei.ra) sf.1. Mulher que fala muito, indiscreta e maledicente: <i>A vizinha se encaixa perfeitamente no perfil de faladeira.</i> 2. Falação, parlação: "Aí [os peões] se reúnem alegremente em grupos nos botequins [...] para tomar cerveja. Tudo é sorriso e amabilidade. A <u>faladeira</u> é grande." (Leonardo Boff, <i>Sexta-feira dia de ressurreição</i>): "Aqui acolá uma arenga. Uma turra, uma briga, uma <u>faladeira</u> ." (Domingos Oliveira Medeiros, <i>O segredo do ponto G</i>) [F.: De <i>falad (or) + -eira.</i>]
AULETE (original)	s. f. mulher que fala muito, faladora, tagarela; mexeriqueira. F. <i>Falar</i> .

AURÉLIO (2004)	[De <i>falar</i> + <i>-deira</i>] Adj. (f.) S. f. 1. Diz-se de, ou mulher que fala muito: “A pequena era graciosa e gorducha, <i>faladeira</i> e curiosa.” (Machado de Assis, <i>Dom Casmurro</i> , p. 304.) 2. Diz-se de, ou mulher maledicente, indiscreta.
HOUAISS (2009)	substantivo feminino mulher que fala muito; tagarela

Fonte: Elaborado pela autora.

A lexia *faladeira*, conforme os dicionários pesquisados, refere-se à pessoa do sexo feminino que fala demais. A versão atualizada do dicionário Aulete também relaciona o uso do termo ao ruído resultante do encontro de várias pessoas conversando ao mesmo tempo.

Dicionários	falador
AULETE (atualizado)	(fa.la.dor) [ô] a. 1. Que fala muito (papagaio <i>falador</i>). 2. Que é indiscreto, que não sabe guardar segredo 3. Que costuma falar mal dos outros; MALDIZENTE; MEXERIQUEIRO sm. 4. Quem fala muito. 5. Quem costuma falar mal dos outros [F. <i>falar</i> + <i>-dor</i> .]
AULETE (original)	adj. e s. m. pessoa que fala muito, pessoa loquaz: Deputados, e ministros, e estadistas, e <i>faladores</i> ... nunca houve tantos. (Bulhão Pato, <i>Sob os Ciprestes</i> , p. 5, ed. 1877.) Pessoa indiscreta, que não sabe guardar segredo, desacautelada e imprudente no que diz: O ímpio e atrevido <i>falador</i> ainda fora modesto na censura das obras alheias... (R. da Silva.) (Bras.) Maldizente. Mexeriqueiro. F. <i>Falar</i> .
AURÉLIO (2004)	(ô). [De <i>falar</i> + <i>-dor</i>]. Adj. 1. Que fala muito. 2. Bras. Indiscreto, maledicente, maldizente, irreverente. S.m. 3. Aquele que fala muito. [Fem. ger.: <i>faladora</i> .]
HOUAISS (2009)	adjetivo e substantivo masculino 1 que ou o que fala muito 2 Regionalismo: Brasil. que ou o que fala mal dos outros; indiscreto, maledicente

Fonte: Elaborado pela autora.

A forma lexical *falador* está dicionarizada nas três obras consultadas, sendo que, no dicionário Aulete, tanto em sua versão original, quanto na versão atualizada, é apresentado como significado não apenas o indivíduo que fala demais, de um modo geral, mas também aquele que fala mal dos outros e/ou que não guarda

segredos. No dicionário Houaiss (2009), a *lexia* aparece também como um regionalismo utilizado para se referir à pessoa que é indiscreta, que fala dos outros.

Dicionários	falastrão
AULETE (atualizado)	(fa.las.trão) a.1. Que fala muito, muitas vezes sem atentar para possíveis consequências sm. 2. Pessoa que fala muito; PROLIXO; VERBORRÁGICO [Pl.: -ões.] [F.: <i>falar</i> + <i>-astro</i> ² + <i>-ão</i> ¹ .]
AULETE (original)	s. m. (Bras.) (pop.) sujeito pernóstico, que fala pelos cotovelos. F. r. <i>Falar</i> .
AURÉLIO (2004)	[De <i>falar</i> + <i>-astr(o)</i> - + <i>-ão</i> ¹ .]Adj. S.m. Diz-se de, ou indivíduo que fala muito; falador. (Fem.: <i>falastrona</i>)
HOUAISS (2009)	adjetivo e substantivo masculino que ou o que fala muito e comete indiscrições

Fonte: Elaborado pela autora.

Falastrão aparece dicionarizado nas três obras consultadas com o significado de pessoa que fala demais, de modo amplo. No dicionário Houaiss (2009), é acrescentado o sentido de pessoa que comete indiscrições.

Dicionários	falastrona
AULETE (atualizado)	ND
AULETE (original)	ND
AURÉLIO (2004)	S.f. Fem. de falastrão (q.v.).
HOUAISS (2009)	ND

Fonte: Elaborado pela autora.

A *lexia falastrona* aparece dicionarizada apenas no dicionário Aurélio (2004) como substantivo feminino de *falastrão*.

Dicionários	fofoqueira
AULETE (atualizado)	ND

AULETE (original)	s. f. (Bras.) (gír.) mulher cheia de fofoca. F. <i>Fofoqueiro</i>
AURÉLIO (2004)	ND
HOUAISS (2009)	ND

Fonte: Elaborado pela autora.

Da mesma forma que *falastrona*, o item lexical *fofoqueira* aparece dicionarizado somente em uma das três obras consultadas, nesse caso, porém, apenas no dicionário Aulete (*online*), em sua versão original, como forma feminina do substantivo *fofoqueiro*.

Dicionários	fofoqueiro
AULETE (atualizado)	DCOS
AULETE (original)	DCOS
AURÉLIO (2004)	DCOS
HOUAISS (2009)	DCOS

Fonte: Elaborado pela autora.

A lexia *fofoqueiro* está dicionarizada com outro sentido nas três obras consultadas. Verificamos que o sentido atribuído a esse verbete nos dicionários está restrito àquele (a) que fala da vida dos outros, que comente indiscrição. Não foram verificadas significações que remetessem à pessoa que fala demais, de modo amplo e geral.

Dicionários	fuxiqueira
AULETE (atualizado)	ND
AULETE (original)	ND
AURÉLIO (2004)	ND
HOUAISS (2009)	ND

Fonte: Elaborado pela autora.

A forma lexical *fofoqueira* não está dicionarizada em nenhuma das obras consultadas. Sabemos que os dicionários utilizam como entrada as formas masculinas das lexias, sendo apresentadas algumas exceções, como o caso de *fofoqueira*, dicionarizada na versão original do Aulete online.

Dicionários	fluxiqueiro
AULETE (atualizado)	DCOS
AULETE (original)	DCOS
AURÉLIO (2004)	DCOS
HOUAISS (2009)	DCOS

Fonte: Elaborado pela autora.

Já a forma masculina, *fluxiqueiro*, aparece dicionarizada nas três obras, porém com o sentido restrito à quem faz intriga, fala da vida dos outros. Não há menção ao indivíduo que fala demais de modo geral.

Dicionários	linguarudo
AULETE (atualizado)	(lin.gua.ru.do) a. 1. Que tem a língua solta, que fala demais; FALADOR; MEXERIQUEIRO sm. 2. Indivíduo linguarudo.
AULETE (original)	DCOS
AURÉLIO (2004)	DCOS
HOUAISS (2009)	adjetivo e substantivo masculino 1 diz-se de ou indivíduo que fala demais; falador, tagarela, indiscreto, maldizente substantivo masculino

Fonte: Elaborado pela autora.

Linguarudo está dicionarizado nas três obras consultadas. Porém, somente na versão atualizada do dicionário Aulete e no dicionário Houaiss (2009), a lexia aparece com o significado de pessoa que fala demais. No dicionário Aurélio (2004) e

na versão original do Aulete (*online*), o termo está dicionarizado, porém, no significado apresentado, não há menção ao indivíduo que fala demais.

Dicionários	língua-grande
AULETE (atualizado)	ND
AULETE (original)	ND
AURÉLIO (2004)	ND
HOUAISS (2009)	ND

Fonte: Elaborado pela autora.

A lexia *língua-grande*, a qual obteve três ocorrências, não se encontra dicionarizada nas obras consultadas.

Dicionários	Maria-do-leite / nega-do-leite
AULETE (atualizado)	ND
AULETE (original)	ND
AURÉLIO (2004)	ND
HOUAISS (2009)	ND

Fonte: Elaborado pela autora.

As lexias compostas *Maria-do-leite* e *Nega-do-leite* não aparecem dicionarizadas em nenhuma das obras consultadas.

Dicionários	tagarela
AULETE (atualizado)	(ta.ga.re.la) a2g. 1. Que fala muito; que fala sem parar. 2. Que faz fofoca, mexerico. 3. Que faz ruído constante. s2g. 4. Pessoa que fala muito ou faz mexericos. sf. 5. Alvorço, balbúrdia, gritaria. 6. Bras. Nos moinhos de fubá, peça que regula a velocidade das mós. [Sin. nas acps.

	1, 2 e 4: <i>boca-rota, boquirroto, chocalheiro, falador, grazina, linguaraz, loquaz, palavroso, palrador, taramela, tarameleiro, tramela, verboso.</i> [F.: De or. contrv. Hom./Par.: <i>tagarela</i> (a2g.s2g. e sf.), <i>tagarela</i> (fl. de <i>tagarelar</i>)]
AULETE (original)	Adj. s. m. ou f. diz-se de pessoa muito faladora; indiscreta; chocalheira. -, s. f. gritaria, barulho, motim. (Bras.) Nos moinhos de fubá, peça que regula a velocidade das mós. F. <i>Tagarelar</i> .
AURÉLIO (2004)	[De formação expressiva, poss.] Adj. 2 g. 1. Que fala muito e à toa; galrão. S. 2 g. 2. Pessoa tagarela; tramela, taramela, tarelo, galrão. S. f. 3. Gritaria, barulho, motim. 4. Peça dos moinho de fubá, que regula a velocidade das mós.
HOUAISS (2009)	adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros 1 que ou aquele que fala muito; linguarudo 2 que ou quem não guarda segredo; indiscreto adjetivo de dois gêneros 3 que faz ruído ou murmúrio constante 4 que pia ou canta sem parar substantivo feminino 5 aglomeração de pessoas; gritaria, balbúrdia, alvoroço.

Fonte: Elaborado pela autora.

O item lexical *tagarela* está dicionarizado em todas as obras consultadas, apresentando em todas elas o sentido de pessoa que fala demais como primeira acepção.

4.4 PRESENÇA/AUSÊNCIA DAS LEXIAS NOS DICIONÁRIOS- QSL 137

Dicionários	burra
AULETE (atualizado)	(bur.ra) sf. 1. A fêmea do burro; JUMENTA; ASNA [F.: Fem. de <i>burro</i> .]
AULETE (original)	burra ¹ s. f. a fêmea do burro; jumenta. F. <i>Burro</i> ¹ .
AURÉLIO (2004)	DCOS
HOUAISS (2009)	substantivo feminino 1 fêmea do burro; asna

Fonte: Elaborado pela autora.

A lexia *burra* está dicionarizada em todas as obras consultadas como a fêmea do *burro* enquanto animal, não havendo nenhuma menção à “pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas”.

Dicionários	burrinho
AULETE (atualizado)	DCOS
AULETE (original)	DCOS
AURÉLIO (2004)	DCOS
HOUAISS (2009)	DCOS

Fonte: Elaborado pela autora.

Em todos os dicionários consultados, a forma *burrinho* remete ao animal *burro*, fazendo referência ao tamanho do animal. A forma *burro* foi a mais frequente, com um total de 56 ocorrências das 120 respostas válidas. Já a forma lexical *burrinho* teve ocorrência única, (informante 88 2a), sendo agrupada juntamente com as formas lexicais *burro* e *burra*.

Benke (2012), em dissertação de mestrado intitulada *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*, considera que a designação *burro*, fazendo referência à *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, possui tanto caráter metafórico como também de xingamento. Segundo a autora,

Burro é, pois, uma unidade lexical com carga semântica bastante ofensiva na acepção de “pessoa com dificuldade de aprendizagem”, por isso é tida como um tabu, o que ficou evidente no teor das entrevistas, já que grande parte dos entrevistados ou demonstrava resistência ao pronunciar essa palavra ou ria ao mencioná-la. (BENKE, 2012, p.128).

De fato, o trecho de entrevista abaixo transcrito corrobora com a afirmação da autora:

INF. — Fulano é muito rudo

INQ. — É né?

INF. — É. O pessoal chama assim.

INQ. — Dificuldade pra aprender qualquer coisa, seja da escola, do trabalho...

INF: — Burro.

INF. — É. É rudo demais, o home é rudo demais, os outros chama outro nome que eu não gosto de chamar os outros não.

INQ. — Como é que chama?

INF. — Burro (risos).

INQ. — Explica mil vezes a pessoa não entendi.

INF. — É, não entende. “Vai ser burro prá lá”. (risos)

O uso do diminutivo sugere uma forma de atenuar a carga semântica pejorativa que a lexia *burro* carrega em si quando utilizada para designar a *pessoa que tem dificuldade para aprender as coisas*. Ainda segundo Benke (2012), em sua pesquisa, além da forma *burrinho*, foi registrada a ocorrência de *meio burro*, ambas consideradas variantes da lexia *burro*, o que, segundo a autora, constituem formas que passam de pejorativas para eufêmicas.

[...] embora *burro*, quando utilizada para designar “a pessoa pouco inteligente”, se caracterize como uma forma ofensiva, ao contrário, quando empregada em sua forma diminutiva e, também, em conjunto do advérbio *meio*, transfigura-se de pejorativa a eufêmica [...]. (BENKE, 2012, p. 129).

Segundo Guerios (1979 apud BENKE, 2012, p. 129), o diminutivo seria um dos recursos eufemísticos, o que corrobora com o pressuposto de que o uso da forma lexical *burrinho* constitui uma estratégia de atenuação da carga pejorativa atribuída à forma *burro*.

Dicionários	burro
AULETE (atualizado)	(bur.ro) sm. 3. Pej. Pop. Pessoa pouco inteligente. 15. Pej. Pop. Que é pouco inteligente; ESTÚPIDO; BRONCO (2) [F.: Do lat. <i>burrus</i> .]
AULETE (original)	burro ¹ s. m. 1. diz-se do indivíduo que não tem inteligência.
AURÉLIO (2004)	S.m. 8. Indivíduo bronco, curto de inteligência; asno, burrego, estúpido, imbecil, jerico, jegue, jumento, orelhudo.
HOUAISS (2009)	substantivo masculino 9 Derivação: sentido figurado. Uso:

	pejorativo. que ou aquele que é falto de inteligência; estúpido, tolo
--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

A forma lexical *burro* aparecedicionarizada em todas as obras consultadas, apresentada como uma de suas acepções a “pessoa pouco inteligente”.

Dicionários	cabeça-dura
AULETE (atualizado)	(ca.be.ça-du.ra) s2g. 2. Pessoa pouco inteligente, que não aprende ou não compreende com facilidade; BURRO; TAPADO
AULETE (original)	s. m. e f. pessoa bronca, estúpida; cabeça de pau.
AURÉLIO (2004)	S. 2 g.1. Pessoa rude, estúpida, curta de inteligência.
HOUAISS (2009)	substantivo de dois gêneros 1 indivíduo estúpido, de pouca inteligência ou sem instrução.

Fonte: Elaborado pela autora.

A lexia composta *cabeça-dura* aparece dicionarizada nas três obras consultadas. No Aulete (versão atualizada), a item lexical possui como significado relacionado à pessoa pouco inteligente, que não em facilidade de compreensão. Na versão original da referida obra, há apenas as acepções à pessoa bronca, estúpida, cabeça de pau.

Dicionários	cabeça-ruim / cabeça-tapada
AULETE (atualizado)	ND
AULETE (original)	ND
AURÉLIO (2004)	ND
HOUAISS (2009)	ND

Fonte: Elaborado pela autora.

As lexias compostas *cabeça-ruim* e *cabeça-tapada* não estão dicionarizadas em nenhuma das obras consultadas.

Dicionários	cavalo
AULETE (atualizado)	DCOS
AULETE (original)	DCOS
AURÉLIO (2004)	DCOS
HOUAISS (2009)	DCOS

Fonte: Elaborado pela autora.

Em todas as obras consultadas, *cavalo* aparece apenas com referência ao animal, não sendo feita nenhuma analogia com deficiência de aprendizagem.

Dicionários	jumento
AULETE (atualizado)	(ju.men.to) sm. 2. Fig. Pop. Indivíduo pouco inteligente [F.: Do lat. <i>jumentum</i> , <i>i</i>]
AULETE (original)	s. m. burro, asno: Vindo eu um dia de Belém para Jerusalém, mal disposto em cima de um <i>jumento</i> ... (Pant. de Aveira , Itinerário , c. 78, p. 418, 1ª ed.) F. lat. <i>Jumentum</i> (qualquer animal de carga ou de tiro).
AURÉLIO (2004)	DCOS
HOUAISS (2009)	substantivo masculino 2 Derivação: por analogia. Uso: informal. indivíduo pouco inteligente; burro

Fonte: Elaborado pela autora.

A lexia *jumento* aparece dicionarizada no dicionário Aulete (versão atualizada), tendo uma de suas acepções a referência à pessoa pouco inteligente. Por inteligência estamos considerando a capacidade/facilidade de aprendizagem, a qual se opõe à dificuldade de aprender as coisas.

Na versão original do Aulete, há remissão a *burro*. Já fora visto que burro, que inclusive aparece neste estudo como a forma lexical mais frequentemente utilizada

para se referir à pessoa que em dificuldade de aprender as coisas, aparece dicionarizado na mesma obra como designação para pessoa pouco inteligente. No Aurélio (2004), *jumento* aparece apenas como referência ao animal, não havendo nenhuma acepção à pessoa com dificuldade de aprendizagem. O Houaiss também apresenta como um das acepções para *jumento* a relação com pessoa inteligente, remetendo também a *burro* e classifica como uso informal.

Dicionários	ruda
AULETE (atualizado)	ND
AULETE (original)	DCOS
AURÉLIO (2004)	ND
HOUAISS (2009)	ND

Fonte: Elaborado pela autora.

A lexia *ruda* não se encontra dicionarizada nas obras consultadas, exceto no dicionário Aulete (versão original), no qual o termo encontra-se relacionado à forma lexical *arruda*. A utilização dessa lexia por parte do falante parece ter sido motivada pela forma como está estruturada a pergunta (*como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?*). Uma hipótese que nos parece plausível é a de que o falante, conhecendo a lexia *rude*, a considera como forma masculina e, diante da pergunta na qual fora expresso o termo “a pessoa”, numa tentativa de fazer a flexão de gênero, utiliza o item lexical na forma que considera ser feminina, *ruda*.

Tal fato chama atenção para a questão da arbitrariedade na determinação do gênero das palavras. Um exemplo disso é que, no espanhol, por exemplo, a palavra *leite* (em espanhol, *leche*) é feminina. Assim, constatamos que não há motivação coerente para a determinação do gênero dos substantivos.

Dicionários	rude
AULETE (atualizado)	DCOS

AULETE (original)	DCOS
AURÉLIO (2004)	DCOS
HOUAISS (2009)	adjetivo de dois gêneros 5 falta de inteligência, de instrução, de sensibilidade; ignorante, boçal, estúpido

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dicionários Aulete, versão original e atualizada, e o Aurélio (2004) apresentam a lexia *rude* com a acepção de algo ou alguém que não tem delicadeza, não refinado. Somente o Houaiss (2009), apresenta uma das acepções de *rude* com referência à pessoa que lhe é falta a inteligência. Aqui entendemos falta de inteligência como dificuldade de aprendizagem. Há também a referência à ignorante, que aqui estamos entendendo por alguém que não dispõe de uma gama alta de conhecimento enciclopédico. Tal ressalva faz-se necessária, pois, no uso corrente, por diversas vezes, o termo “ignorante” é usado para designar o comportamento de alguém, caracterizado como violento, agressivo. Além da acepção a déficit de inteligência, a obra também apresenta acepções ligadas ao comportamento do sujeito “*boçal, estúpido*”.

Dicionários	<i>rudo</i>
AULETE (atualizado)	ND
AULETE (original)	DCOS
AURÉLIO (2004)	ND
HOUAISS (2009)	DCOS

Fonte: Elaborado pela autora.

A forma lexical *rudo* não está dicionarizada no Aulete (atualizado) nem do Aurélio. Já na versão original do Aulete e no Houaiss (2009), aparece como sendo o mesmo que *rude*. Como já visto, a lexia *rude* remete à designação de algo ou alguém desprovido de delicadeza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpus utilizado para análise nesta pesquisa possibilitou demonstrar a variação lexical existente na Bahia no que se refere às possíveis respostas para as perguntas 136 “(como se chama a pessoa que fala demais?)” e 137 “(como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?)”, a partir do método de análise da Geolinguística epudemos comprovar o quanto o nível lexical se faz produtivo para a demonstração da variação diatópica. Conforme descrito na metodologia, não foram levadas em conta as variáveis sexo e faixa etária para fins de análise. Todavia, reconhecemos a relevância de tais fatores sociais, conforme aponta a Sociolinguística.

A confecção das cartas linguísticas permitiu registrar a diversidade linguística na Bahia a partir das respostas às questões já mencionadas. Ressaltamos que este é um estudo preliminar, o qual poderá motivar o aprofundamento das análises, incluindo outras variáveis extralinguísticas. Além disso, consideramos relevante o aprofundamento da investigação acerca da questão do tabu linguístico, sobretudo quanto à pergunta 137 do QSL.

Além da elaboração das cartas linguísticas contendo os dados documentados a partir desta pesquisa, também fizemos a consulta aos dicionários Aulete online (versão antiga e atual), Houaiss e Aurélio, utilizando somente as lexias que tiveram mais de uma ocorrência, sendo organizados dois quadros com os resultados da consulta.

As conclusões às quais chegamos ao final desta investigação não são definitivas, mas nos permitem confirmar quão produtivo é o nível lexical para a análise da variação diatópica. Reforçamos que neste estudo há necessidade maior de aprofundamento com vistas à ampliação do campo de visão acerca da realidade linguística da área estudada.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irlandé. *Linguagem como interação social: língua gramática e ensino*. In. _____. Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola editorial, 2014.
- _____. Muito além da gramática. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- AULETE. Dicionário online.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. Preconceito linguístico. 52ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 12ª ed. 2006 – HUCITEC
- BASSO, Renato; ILARI, Rodolfo. *O português da gente: a língua que estudamos; a língua que falamos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- BENKE, Vanessa Cristina Martins. *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. 2012. (Mestrado em estudo de linguagens) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?* Revista do GELNE - Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, Fortaleza, ano 4, n. 2, p. 1-16, 2002.
- _____. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana A.M. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIORIN, José Luiz (Org.) *Introdução à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FRANCO, Cid. *Dicionário de expressões populares*. São Paulo: Editoras Unidas, [19--?]. v. 1.

GNERE, Maurizio. Linguagem, Poder e Discriminação. In: _____. Linguagem, escrita e poder. 3ª ed. São Paulo: Fontes, 1991.

HOUAISS, Antônio; SALLES, Villar. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: *Cidades*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 28 de jun. 2017.

ISQUERDO, Aparecida Negri; NUNES, Juliany Fraide. *Tabus linguísticos: um estudo no campo léxico *corpo humano**. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas. Manual de estilo acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. 5 ed. Salvador: EDUFBA, 2013.

MOLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 4ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna. Fortaleza: Imprensa universitária, 2014.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958; v. 2, 1961.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do "Falar Baiano"*. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

SILVA, Moisés Batista. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. *Revista de Letras*. Nº 28- Vol1/2 jan/dez 2006.

SUZANA, Alice Marcelino; PAIM, Marcela Moura Torres. (Orgs.). *Documentos 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vente leste, 2012

TARALLO, Fernando (1986). *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática.